

**AS FAMÍLIAS TARDELLI, DA TOSCANA, E FERREIRA DA SILVA,
DO SUL DE MINAS E DOS AÇORES**

Aguinaldo Ribeiro da Cunha Filho

*Para meus avós
Arlindo Ribeiro da Cunha e Joanna Tardelli Ribeiro da Cunha*

Resumo: *Este artigo apresenta o histórico e a genealogia de duas famílias: os Tardelli (da Toscana, Itália) e os Ferreira da Silva (do sul de Minas Gerais, Brasil e dos Açores, Portugal). Trata da união dos Tardelli com os Poli (1848) e com os Ferreira da Silva (1881). Trata, finalmente, da união dos Ribeiro da Cunha com os Tardelli (1901 e 1903).*

Abstract: *This article portrays the history and genealogy of two families: the Tardelli (from Tuscany, Italy) and the Ferreira da Silva (from the southern part of Minas Gerais, Brazil, and the Azores, Portugal). It deals with the links between the Tardelli with the Poli (1848) e with the Ferreira da Silva (1881). It finally analyses the connections between the Ribeiro da Cunha with the Tardelli (1901 and 1903).*

Sumário: *Apresentação. 1. Introdução. Capítulo I. Os Tardelli, da região da Garfagnana, província de Lucca. Capítulo II. Os Poli, da província de Pisa, e sua união com os Tardelli (1848) Angelo Tardelli (1850/1919). Capítulo III. Um Ativo Imigrante Italiano em São José do Rio Pardo e região: Angelo Tardelli (1850-1919). Capítulo IV. Os Ferreira da Silva, do sul de Minas, e sua união com os Tardelli em 1881. Capítulo V. A ascendência paterna de Maria Carolina Ferreira da Silva. Capítulo VI. A ascendência materna de Maria Carolina Ferreira da Silva, dos Açores (Portugal). Capítulo VII. Os Ribeiro da Cunha e sua união com os Tardelli (1901 / 1903). Os ramos de Joanna, Arminda e Henriqueta Tardelli.*

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar as origens e trajetórias de duas famílias, os Tardelli e os Ferreira da Silva, que se uniram em 1881 com o

casamento de Angelo Tardelli com Maria Carolina Ferreira da Silva. Esses ascendentes de minha avó paterna, Joanna (Ferreira da Silva) Tardelli, são italianos, de um lado, e portugueses, de outro; aqueles chegados ao Brasil em 1878, estes, séculos antes, entre o final do século XVII e início do século XVIII.

Os Tardelli vindos de Isola Santa, fração da comuna de Careggine, na região da Garfagnana, nos Apeninos, província de Lucca (uma das mais belas regiões da Itália). Os Ferreira da Silva de origem predominantemente açoriana, mas também com antepassados no Portugal continental.

As fontes de informação para os Tardelli foram documentos familiares, visitas à Itália e pesquisas em arquivos italianos e brasileiros. Para os Ferreira da Silva, essas fontes foram estudos feitos por renomados genealogistas, como Maria Celina Exner Godoy Isoldi e Helvécio de Vasconcelos Castro Coelho, além de pesquisas por mim feitas em arquivos paulistas e mineiros. Sobre Angelo Tardelli, especificamente, agradeço as informações prestadas pelos amigos, a historiadora Orlanda Maria Grespan de Faria e o professor e escritor Rodolpho José Del Guerra.

A história oral da família também foi fonte preciosa de informação, tanto para os Tardelli quanto para os Ferreira da Silva: contada por meu pai Aguinaldo Ribeiro da Cunha, com lembranças precisas e carinhosas sobre seus pais e avós; por suas irmãs, minhas tias Angelina Ribeiro da Cunha Ferraz (cujo repertório sobre a família era inesgotável, fascinante, repleto de informações úteis e detalhadas, notadamente sobre os avós Angelo e Maria Carolina, mas não só sobre eles), Maria Aparecida Ribeiro da Cunha e Alice Ribeiro da Cunha Valle e, mais recentemente, por minhas primas Maria Cecília da Cunha Ferraz e Anna Cândida da Cunha Ferraz, também extremamente interessadas em tudo que diga respeito às origens familiares (e a cujo incentivo agradeço este trabalho).

Este texto, sobre os ascendentes de minha avó paterna Joanna Tardelli, completa estudo publicado na Revista ASBRAP nº 9, *A Família Ribeiro da Cunha*, sobre os ascendentes de meu avô paterno Arlindo Ribeiro da Cunha. Os dois textos, este e o anterior, fazem o mapeamento dos antepassados do casal Arlindo Ribeiro da Cunha e Joanna Tardelli (o que significa, em outras palavras, que as famílias dos quatro avós de meu pai e de minhas tias Angelina, Maria Aparecida e Alice, são estudadas em ambos).

1. INTRODUÇÃO

Estima-se que 1,6 milhão de imigrantes desembarcaram no porto de Santos, entre 1887 e 1914 – a maioria, italianos¹. A médica Gina Lombroso Ferrero, escrevendo em 1908, sobre a capital paulista, nota que “O traço mais

1 Boris Fausto, “Negócios e Ócios – Histórias da Imigração”, Cia. das Letras, 1997.

predominante da cidade é sua italianidade. Ouve-se mais italiano em São Paulo que em Turim, em Milão, em Nápoles, porque ao passo que entre nós se fala o dialeto, em São Paulo todos os dialetos se fundem sob a influência dos vênnetos e toscanos, que são a maioria, e os nativos adotam o italiano como língua oficial. São Paulo dispõe de cinquenta escolas italianas, numerosíssimas sociedades italianas de música e pintura. Vinhos, pães, automóveis, roupas, tecidos, livros, anúncios, tudo em italiano. Nos empórios vêem-se montanhas de latas de tomate siciliano e de massas napolitanas; nas lojas de tecidos figuram os nossos algodões da Lombardia, as nossas sedas de Como, os nossos chapéus de Florença e Alexandria².

Os Tardelli vieram para o Brasil aproximadamente em 1878: três jovens irmãos, Angelo, com 28, Lorenzo, com 24, e Sisto, com 20 anos. Deixaram em Isola Santa os pais, Pietro e Maria Giovanna, e três irmãs mais jovens, Maria Ester, Domenica e Maria Giovanna. Era o período áureo da imigração européia, notadamente italiana. Desembarcaram no porto de Santos e estabeleceram-se como mascates, ou comerciantes itinerantes: percorriam cidades, vilas e fazendas do interior de São Paulo (região de São João da Boa Vista, Casa Branca, São José do Rio Pardo, São Sebastião da Gramma, Espírito Santo do Rio do Peixe – atual Divinolândia – e Caconde) e do sul de Minas (região de Machado, Caldas, Campestre e Machadinho – a atual Poço Fundo)

Sisto Tardelli não gostou do Brasil, não se adaptou, e voltou logo para a Itália, onde em 1883 já estava casado com Ester Cippolini – tendo seis filhos e herdando a propriedade da família, em Isola Santa. Seus descendentes vivem, hoje, em Careggine e em Castelnuovo di Garfagnana.

Lorenzo Tardelli, que se transformou em Lourenço no Brasil, adaptou-se bem ao novo País, casou-se com uma jovem italiana, Elisa Cequalini, de quem não teve filhos, e se estabeleceu em Caconde, estado de São Paulo. Muito ligado ao irmão Angelo, foi padrinho de casamento da sobrinha Arminda Tardelli em 1901. Morreu em 1922, três anos após o irmão, aos 67 anos. Em Caconde estabeleceram-se também numerosos primos dos três irmãos, com o mesmo sobrenome Tardelli.

Angelo Tardelli também se adaptou bem ao Brasil: afinal, casou-se já em 1881 não com uma italiana (o que seria o fato normal na época), mas sim com uma jovem de origem açoriana, Maria Carolina Ferreira da Silva. Residiu sucessivamente em Campestre, São José do Rio Pardo, São Sebastião da Gramma, Espírito Santo do Rio do Peixe, Acerburgo e, novamente, em São José do Rio Pardo – em todas essas cidades, integrou-se notavelmente à sociedade local,

2 Mário Carelli, “Carcamanos e Comendadores”, Editora Ática, 1985.

exercendo por quatro anos a função de Juiz de Paz (em Espírito Santo do Rio do Peixe) e trabalhando como comerciante e agricultor.

Em 1901, sua segunda filha, Arminda Tardelli, uniu-se aos Ribeiros da Cunha (de origem portuguesa, do Minho e do Douro), família influente política e socialmente nas cidades paulistas de Espírito Santo do Rio do Peixe, Caconde e São José do Rio Pardo, casando-se com Nesthor Ribeiro da Cunha, filho de Américo Ribeiro da Cunha e de Maria Balbina de São José Martins (Coelho).

Em 1903, uma segunda união uniria definitivamente os Tardelli com os Ribeiro da Cunha, com o casamento da filha mais velha de Angelo, Joanna, com Arlindo Ribeiro da Cunha, caçula de Américo e de Maria Balbina. Dois irmãos casados com duas irmãs.

CAPÍTULO I OS TARDELLI, DA REGIÃO DA GARFAGNANA, PROVÍNCIA DELUCCA

Este capítulo é dedicado à família de meu bisavô Angelo Tardelli

Segundo a tradição familiar os Tardelli eram originários de Castelnuovo di Garfagnana. Em viagem à Itália, em 2000, estive em Castelnuovo e descobri, então, o *paese*³ verdadeiro de origem da família: Isola Santa, comuna de Careggine, província de Lucca, vizinha à de Castelnuovo, mas não tão grande e importante como esta, ambas situadas na belíssima região da Garfagnana. Esse nome Tardelli existe na localidade desde época remota, desde os tempos medievais, é originário dessa região.

Nessa viagem, depois da semana passada em Roma como peregrino do Ano Santo, percorri a Toscana, interessado em visitar não só os lugares da origem familiar, mas toda a região, pois era uma viagem de férias e a Toscana é belíssima, especial, mesmo na Itália, toda ela bela. Cidades maravilhosas como Siena, San Gimignano, Pisa, Livorno, Montecatini, Pistóia, tornava obrigatório um giro por tudo o que era possível ver. Percorri esses lugares de carro, vendo paisagens e cidades perdidas no tempo, campo, montanha e mar, numa atmosfera mágica. A Garfagnana, nos Alpes Apeninos, especialmente me encantou.

Isola Santa era um velho burgo, atualmente quase desabitado, devido ao grande lago (barragem) construído no local em 1950. Na Idade Média, ali já existia, cerca de 1260, um hospital e uma igreja, ambos dedicados a São Tiago, erguidos por ordem da condessa Matilda de Canossa. Peregrinos deles se utilizavam, quando passavam pela Garfagnana em direção a Versilia.

3 *Paese*, em português, numa tradução livre, *cidade, vila, vilarejo*.

Verdadeiramente impressionante a visão das velhas casas junto ao lago, no alto dos Apeninos. Em janeiro de 2000 o frio era particularmente intenso, com neve e ventos gelados.

Mas Isola Santa não é comuna, e sim uma fração da comuna de Careggine, cidade antiga e histórica, um enclave de pedra nas montanhas. Outra fração dessa comuna é Capanne di Careggine, local de nascimento de um famoso esportista, Marco Tardelli, grande estrela do futebol italiano.

Castelnuovo, por sua vez, é uma cidade relativamente grande, muito bonita, antiga e moderna, sabendo bem preservar a tradição ao lado da modernidade como se faz em toda a Itália. Foi em Castelnuovo que Ariosto escreveu *Orlando Furioso*. O velho castelo foi muito danificado pelos alemães, durante a Segunda Guerra.

Em Castelnuovo Di Garfagnana, tornei-me a encontrar com o sacerdote Don Giancarlo Biaggioni (que havia conhecido dias atrás no arquivo de Lucca). Ele então pesquisou nos registros de Castelnuovo, Careggine e Isola Santa e encontrou registros de batismo de todos os numerosos irmãos de Angelo, menos o dele, o mais velho da irmandade. Alertou-me que, em seu parecer, Angelo havia sido batizado em Cascina, província de Pisa, provável local de residência da família de sua mãe, os Poli.

CAPÍTULO II

OS POLI, DA PROVÍNCIA DE PISA⁴, E SUA UNIÃO COM OS TARDELLI EM 1848

Este capítulo é dedicado à família de meus trisavós Pietro Tardelli e Maria Giovanna Poli

Pietro Poli⁵, pai de Maria Giovanna, provavelmente vivia com sua família na comuna de Cascina, província de Pisa, onde devem ter se casado Pietro Tardelli e Maria Giovanna Poli, mais ou menos em 1848. Tanto Isola Santa quanto Cascina situam-se na Toscana. Aí deve ter-lhes nascido o filho mais velho, Angelo Tardelli, em 1850.

§1º

4 Os Poli talvez fossem de Pisa, mas podiam muito bem ser da própria Isola Santa. Estou me baseando, em princípio, na sugestão de Don Biaggioni.

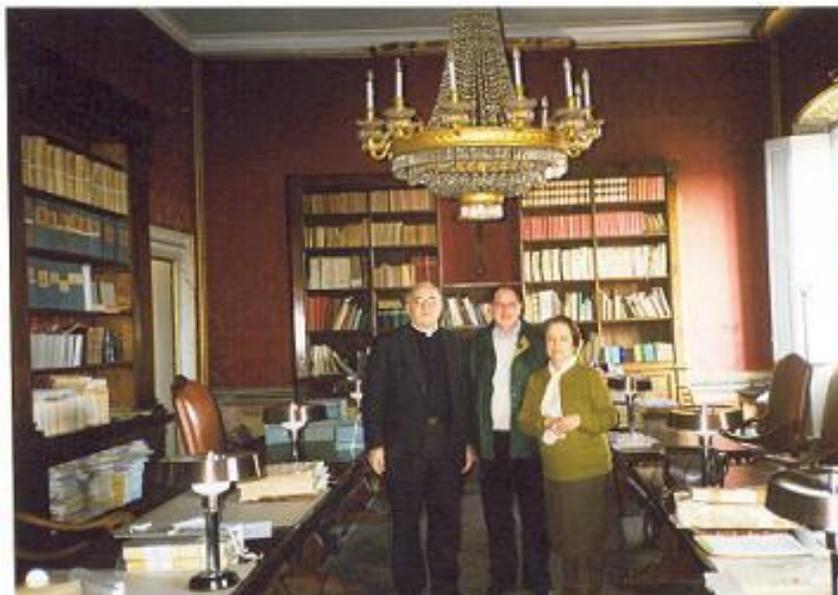
5 Pietro Poli é 3º avô de Angelina Ribeiro da Cunha Ferraz e de Aguinaldo Ribeiro da Cunha.

- I – PIETRO TARDELLI (n. por volta de 1825 em Isola Santa) e sua mulher MARIA GIOVANNA POLI (n. cerca de 1830 provavelmente em Cascina), filha de PIETRO POLI. Pais de:
- 1 (II) – ANGELO TARDELLI, n. em Isola Santa (conforme consta do seu registro de casamento no Brasil, em 1881)⁶, por volta de 1850, que segue no item relativo aos Ferreira da Silva.
 - 2 (II) – NICOLAO LORENZO TARDELLI (LOURENÇO), n. e bat. em Isola Santa em 6-DEZ-1854. Casou-se com ELISA CEQUALINI, fixando-se na cidade de Caconde, estado de São Paulo, onde faleceu aos 67 anos em 24-JUN-1922. Sem descendência.
 - 3 (II) – SISTO TARDELLI, que segue.
 - 4 (II) – MARIA ESTER TARDELLI, n. e bat. em Cascina em 18-FEV-1861, registro depois transcrito nos arquivos de Isola Santa⁷.
 - 5 (II) – MARIA ANGELICA TARDELLI, n.e bat. em Isola Santa em 22-MAI-1863 e aí fal. em 10-JUN-1863, com 3 semanas de vida.
 - 6 (II) – MARIA FORTUNATA TARDELLI, n. e bat. em Isola Santa em 2-MAIO-1863 (irmã gêmea de Maria Angélica Tardelli, acima referida) e aí fal. também com 3 semanas de vida em 14-JUN-1863.
 - 7 (II) – DOMENICA ZELINA EMILIA TARDELLI, n.e bat. em Isola Santa, em 24-JUL-1864.
 - 8 (II) – MARIA GIOVANNA TARDELLI, n. e bat. em Isola Santa em 26-FEV-1870.
- II – SISTO TARDELLI, n. e bat. em Isola Santa em 17-SET-1858. Acompanhou os irmãos mais velhos Angelo e Lorenzo ao Brasil, mas logo retornou à Itália, onde casou-se e deixou descendência em sua região de origem. A propriedade da família foi-lhe deixada pelos irmãos. Casou-se com ESTER CIPPOLINI, filha de Domenico Cippolini, e natural da mesma localidade. Pais de:
- 1 (III) – MARIA FRANCESCA TARDELLI, n. e bat. em Isola Santa em 4-OUT-1883. Fal. em 17-OUT-1885.

6 No registro da Igreja Matriz de Campestre o nome da cidade está mal escrito, com letra ruim, e parece ser *Grotta Santa*. Foi grande o esforço para se identificar o nome real da comuna, Isola Santa.

7 No batismo, na Igreja de Santa Maria e São João Evangelista, em Cascina, consta “ *ho amministrato il sacramento del battesimo a una creatura cui sono imposti i nome Maria Ester figlia di Pietro di Santi Tardelli e di Giovanna del fu Pietro Poli...*”. Isto quer dizer que o pai de Giovanna, Pietro Poli, já era falecido à época. O italiano é saboroso “...*una creatura...*”. O nome completo do pai de Angelo era Pietro di Santi Tardelli.

- 2 (III) – VERGINIO GIOVANNI GIUSEPPE TARDELLI, n. e bat. em Isola Santa em 16-JUL-1886.
- 3 (III) – NATALE AMERICO UMILIO TO TARDELLI, n. e bat. em Isola Santa em 24-DEZ-1888.
- 4 (III) – GIOVANNI ARTURO VALENTINO TARDELLI, n.e bat. em Isola Santa em 26-ABR-1891.
- 5 (III) – GIOVANNI ATTILIO TARDELLI, n.e bat. em Isola Santa em 4-NOV-1898.
- 6 (III) – uma filha morta em 9-MAR-1903, com nome de difícil identificação no registro paroquial.



Aguinaldo Ribeiro da Cunha Filho, entre o diretor do arquivo, Monsenhor Ghilarducci, e a secretária, Arquivo de Lucca, janeiro de 2000.



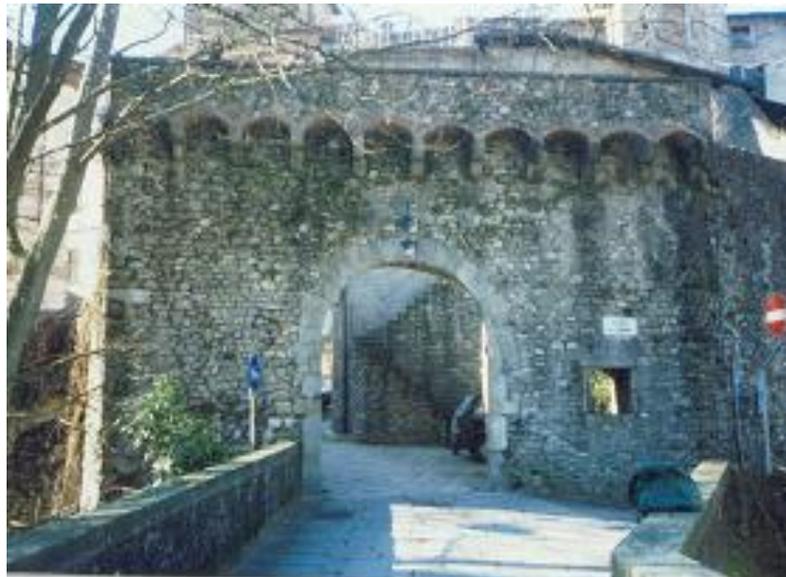
Angelo Tardelli



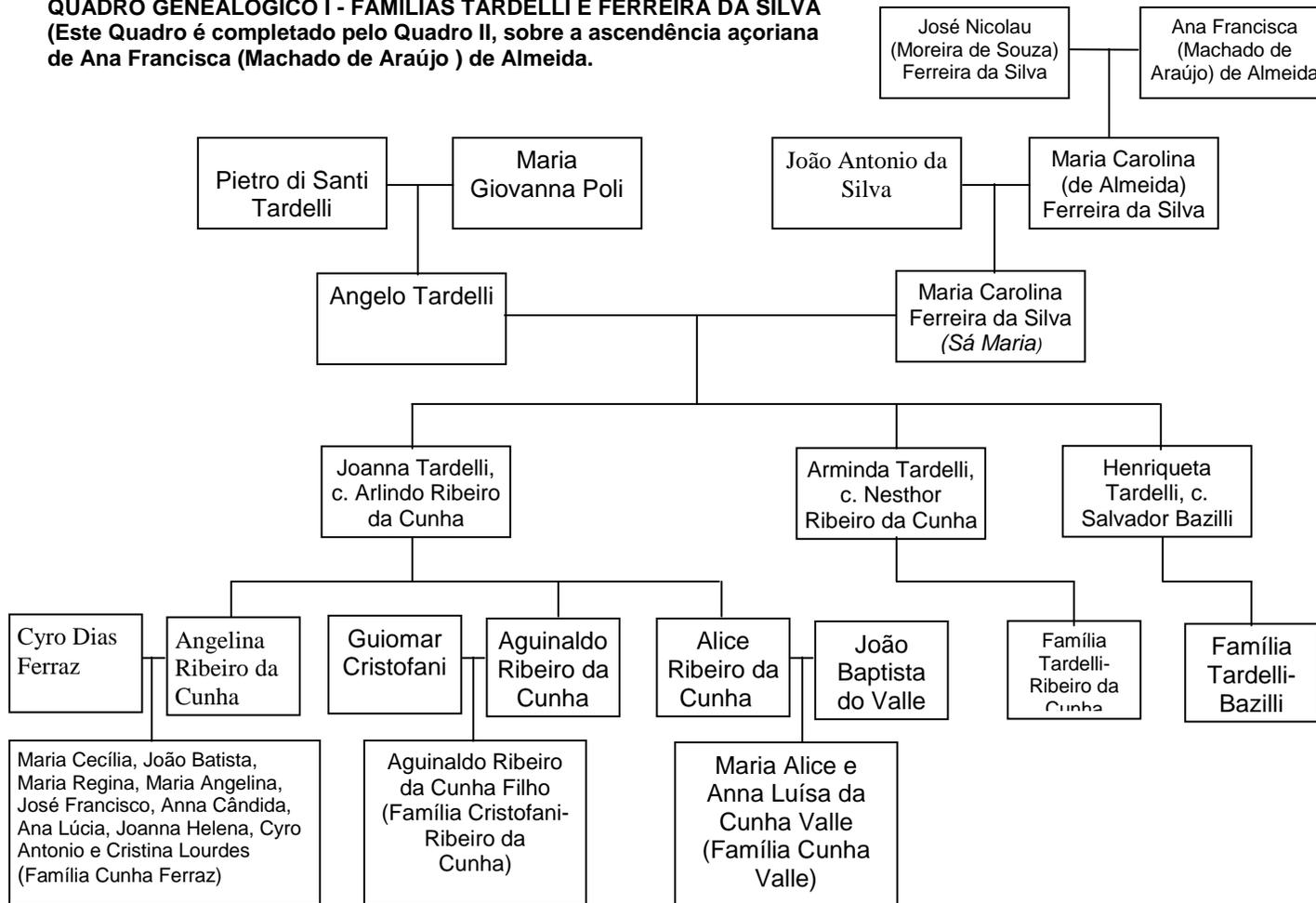
Isola Santa, comuna de Careggine, na Garfagnana, província de Lucca, terra ancestral dos Tardelli.



Castelnuovo di Garfagnana, a cidade mais importante vizinha de Isola Santa (Apeninos, Toscana). Vista do Duomo (catedral, igreja matriz) do século XII. Abaixo, outra visão da histórica cidade.



QUADRO GENEALÓGICO I - FAMÍLIAS TARDELLI E FERREIRA DA SILVA
 (Este Quadro é completado pelo Quadro II, sobre a ascendência açoriana de Ana Francisca (Machado de Araújo) de Almeida.



CAPÍTULO III
UM ATIVO IMIGRANTE ITALIANO EM SÃO JOSÉ DO RIO PARDO E
REGIÃO : ANGELO TARDELLI (1850/1919)

Este capítulo é dedicado a um esboço biográfico de Angelo Tardelli



Angelo Tardelli meu bisavô, em São José do Rio Pardo, anos 1880. Entre 1909 e 1913, foi Juiz de Paz em Espírito Santo do Rio do Peixe (atual Divinolândia, em SP).

Angelo e, provavelmente, Lourenço Tardelli, dedicaram-se ao comércio ambulante, como mascates, tão logo chegaram ao Brasil, percorrendo o interior da província de São Paulo e o sul de Minas Gerais. Dessa forma Angelo conheceu e casou-se com a filha de um fazendeiro de Campestre, no sul de Minas, Maria Carolina Ferreira da Silva. Logo a seguir, fixou-se em São José do Rio Pardo, cidade fundada anos antes, em 1865, por fazendeiros do sul de Minas, mas que contava, já em 1880, com expressiva população de imigrantes italianos, enquanto o irmão Lourenço, mais tarde, se estabeleceria em Caconde (mas mantendo, ambos, estreita ligação durante toda a vida).



Joanna Tardelli, casada em 1903 com Arlindo Ribeiro da Cunha, em São José do Rio Pardo, anos 1910.

Angelo Tardelli foi homem de grande atividade profissional. Comerciante próspero, dono de terras e participante ativo da vida política local como se pode verificar pelos registros eleitorais dos anos 1890 e 1900.

Em 1887, no Almanaque de São José do Rio Pardo, o nome de Angelo Tardelli aparece entre os negociantes⁸, como proprietário de um dos três restaurantes (os outros dois eram de Antonio Pereira da Silva e de Francisco Lancelote) e de um armazém de secos e molhados (que à época eram 32 em São José). Seu irmão Lourenço Tardelli e seu provável primo, pelo lado materno, Antonio Poli, também eram comerciantes desse mesmo ramo.

Angelo participava ativamente da vida social e política, tendo sido um dos fundadores, em 1886, da Società Italiana di Mutuo Soccorso XX di Settembre (associação filantrópica de imigrantes italianos)⁹, que reunia os imigrantes mais conservadores, monarquistas.

Nos livros de escrituras de São José do Rio Pardo e de Espírito Santo do Rio do Peixe é possível se verificar os negócios comerciais e imobiliários feitos pelos habitantes das duas cidades vizinhas e recém-fundadas (ambas na década de 1860 por fazendeiros do sul de Minas). Num dos livros, n. 5, dos anos

8 O estudo desse almanaque foi feito pela historiadora rio-pardense Amélia Franzolin Trevisan e publicado pelo professor Rodolpho José Del Guerra em *A Gazeta do Rio Pardo* de 25/12/1987. Rodolpho mandou-me cópia da parte referente a Angelo Tardelli.

9 Informação prestada por Rodolpho José Del Guerra, de São José do Rio Pardo – ilustre escritor, contista e historiador, a quem a história e a memória da cidade muito devem. Seus diversos livros, publicados anualmente, resgatam de modo inigualável o passado e o cotidiano de São José do Rio Pardo.

1883/84, de Espírito Santo do Rio do Peixe, aberto em 2-JAN-1883 pelo Coronel José Leopoldino Ribeiro da Cunha, é possível ler que o livro havia sido comprado na “Portella e Companhia. Livraria e Loja de Papel. 84-B, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro”.

Em 2-JUN-1887, Angelo associou-se a Sabino Perucci para montar uma fábrica de cerveja em São José do Rio Pardo. A escritura de formação dessa sociedade foi descoberta pelo Prof. Rodolpho José Del Guerra. Na interessante escritura consta entre outras disposições que “A casa para a fábrica será a aluguel pago pela sociedade, estando ela já alugada desde dezembro primeiro de 1886, a razão de mil réis por mês”. Uma das testemunhas da sociedade era o tio-avô de Rodolpho, João Del Guerra.

Provavelmente, a fábrica de cerveja não prosperou, e em 1890, Angelo e família já residiam num sítio na vizinha vila de São Sebastião da Grama, pertencente ao distrito de Espírito Santo do Rio Peixe. Na lista de eleitores locais aptos a votar, na primeira eleição republicana após a queda da monarquia brasileira, surge o nome de Angelo, único dentre todos os eleitores desse distrito com sobrenome italiano. Ele aceitou a naturalização geral concedida pelo governo provisório republicano e passou a votar e a interessar-se pela política. Muitos imigrantes recusaram, na época, a naturalização concedida pelo governo brasileiro.¹⁰

A maior parte dos dados abaixo transcritos, de negócios imobiliários, foi objeto de pesquisa da historiadora de Divinolândia, a Profa. Orlanda Maria Grespan de Faria, (a quem muito agradeço o empenho e a detalhada pesquisa feita a meu pedido em 1995; a esse estudo da Profa. Orlanda eu acresci algumas pesquisas próprias).

Em 1-MAR-1890, Angelo comprou uma casa, em São Sebastião da Grama, pelo preço de 500 mil réis. O vendedor foi João Ribeiro da Luz. As testemunhas foram o Coronel José Leopoldino Ribeiro da Cunha, grande amigo de Angelo, e José Nicácio da Silva Sobrinho. O local da transação foi a própria residência do Coronel José Leopoldino, em Espírito Santo do Rio do Peixe.

Na mesma data, temos a escritura de débito e obrigação como penhor, de Angelo para o coronel. Exatamente 500 mil réis (quantia que José Leopoldino deve ter emprestado ao amigo para a compra da casa). Angelo se comprometeu a pagar a dívida em 8 meses, dando como garantia 100 arrobas de café de “superior qualidade pendente de seu cafezal, do seu sítio da Grama, o qual deve produzir 500 arrobas”. Angelo obrigou-se a entregar o café sem mancha, defeito

10 No próximo número da Revista ASBRAP (a de nº 11), o autor deve publicar pesquisa, já pronta e inédita, sobre a lista de eleitores de São José do Rio Pardo em 1890, inclusive com os nomes dos imigrantes, e as respectivas aceitações (tácitas) ou recusas à naturalização.

ou depreciação ao Comissário Pereira e Irmão, em São José do Rio Pardo. Caso a venda do café não fosse suficiente para saldar o débito, Angelo completaria em dinheiro a parte faltante. Testemunhas da transação: João Ribeiro da Luz e José Nicácio da Silva Sobrinho.

Dias depois, em 9-MAR-1890, um mascate italiano, de nome Victorio Contadini, “residente provisoriamente na Grama”, constituiu Angelo como seu procurador, sendo testemunhas na procuração Gabriel Ribeiro da Cunha (irmão de José Leopoldino) e José Nicácio da Silva Sobrinho.

Vê-se que Angelo era envolvido em negócios, comerciante e, ao mesmo tempo, agricultor. Nesse mesmo ano, ele foi testemunha de uma venda efetuada por João Antonio da Silveira e sua mulher Balduino Maria de Jesus (que não sabia ler, nem escrever) para José Bento da Silva.

Em 12-AGO-1890, Angelo efetuou contrato de locação de serviços com os locatários Amadeu (Amedeo) Tardelli e João Baptista (Giovanni Battista) Tardelli, seus primos, os quais se obrigaram durante quatro anos a formar 5.000 pés de café ao preço de 700 mil réis por cada 2.500 pés, “obrigando-se os locatários a dar café durante os quatro anos bem formados, com a distância de 15 palmos de distância entre um do outro pé”.

Três meses depois, em 18-NOV-1890, Angelo e Maria Carolina venderam para Philomena Ribeiro Nogueira uma casa que possuíam em São José do Rio Pardo, situada na Rua Marechal Deodoro, com 7 janelas e 01 porta, na frente, e 01 janela e 01 porta nos fundos, dividindo na frente com Antonio Angerami e nos fundos com Pedro Gomes e Francisco Júlio. Preço da venda: 3 contos de réis. Local da venda: residência dos Tardelli, na Grama. A compradora foi representada por Joaquim de Souza, sendo testemunhas Domingos Corsi, Azarias Baptista de Carvalho e Manoel Joaquim da Moura Rebello.

Alguns meses depois, em 12-AGO-1891, Angelo e Maria Carolina, “residentes na Grama, distrito do Rio do Peixe, comarca de Caconde”, venderam para Carlos Affonso Palmeira da Fonseca, residente em Casa Branca, um sítio, na Fazenda da Fartura, com terreno de cultura, cafezal formado e por formar, casa coberta de telhas, com 2 portas e 3 janelas (que haviam comprado de João Ribeiro da Luz). Preço: 17 contos de réis. Testemunhas: Casimiro Alves Pereira e João Baptista Guilherme. No mesmo dia, os locatários Amadeu e João Baptista Tardelli fizeram contrato de locação de serviços com o novo proprietário.

Uma semana depois, em 21-AGO-1891, Angelo Tardelli comprou de Ignacia Rita de Jesus uma casa com cômodos nos baixos do sobrado, tendo 2 portas e 2 janelas na frente, e 2 portas e 3 janelas do lado do beco, quintal e metade do quintal de outra casa. Preço: 800 mil réis. Testemunhas: Agostinho e Oscar Luiz Pereira Bittencourt.

Quatro meses depois, em 5-DEZ-1891, Angelo e a mulher venderam para Joaquim Ferreira de Andrade uma casa de morada com 3 portas de frente e balcão, na Gramma, pelo preço de 01 (hum) conto e 200 mil réis. Testemunhas: Jonas Joaquim da Motta e Antonio Bernardes de Seixas.

No ano seguinte, 9-ABR-1892, os sogros de Angelo, o fazendeiro João Antonio da Silva e sua mulher Maria Carolina (de Almeida Ferreira) da Silva, residentes em Campestre, no sul de Minas, compraram de Gabriel Ribeiro da Cunha um sítio na fazenda denominada “Cachoeira da Boa Vista”, com terras de cultura já dividida, 2 alqueires mais ou menos de café, casa com telhas, 01 porta e 01 janela, obtendo o café o preço de 400 réis. Preço da venda: 7 contos de réis. Esse sítio havia sido doado a Gabriel Ribeiro da Cunha por sua irmã Luiza Maria (Ribeiro da Cunha) de Andrade (*Sá Doninha*), mulher do fazendeiro Luiz Thomaz de Andrade¹¹, intendente (prefeito) de São José do Rio Pardo em 1900.

João Antonio e Maria Carolina queriam com essa compra ficar perto das filhas Maria Carolina (*Sá Maria*), a mais velha, e Cândida Carolina (*Candota*), a caçula. Esta se casaria em 1898, em Espírito Santo do Rio do Peixe, com o italiano Domingos Rancan, amigo de Angelo.

No mesmo dia da compra do sítio de Gabriel Ribeiro da Cunha, Angelo vendeu para Theodolindo Lopes de Siqueira, sendo procurador deste José Francisco Maia, uma casa em São José do Rio Pardo, à rua da Floresta, com 3 portas e 01 janela de frente, dividindo de um lado com Maria José de Araújo Macedo e de outro com José Ferreira Pinto e pelos fundos com a via férrea. Preço: 01 (hum) conto de réis. Testemunhas: José Alves de Moraes e Oscar Luiz Pereira Bittencourt.

A 27-SET-1892, Angelo comprou “4 alqueires e meio de terras de cultura em comum na Fazenda dos Silvas e uma casa coberta de palha e toda de madeira que se achava no terreiro”. Vendedores: João Cardozo da Silva e sua mulher Maria Cândida das Neves. Preço: 200 mil réis.

Em 26-JAN-1893 Angelo comprou de Azarias Correa do Prado (ou Ananias Carrin do Prado) e sua mulher Maria Angélica de Jesus, por 01 conto e 250 mil réis, “6 e meio alqueires de terras em comum na Fazenda dos Silvas, com casa coberta de palha, monjolo e árvore, meio alqueire de café plantado de 01 a 3 anos, dividindo com a sogra do adquirente” (Maria Carolina). José Leopoldino Ribeiro da Cunha e Joaquim Tristão da Rocha foram as testemunhas.

Exatamente um ano depois, em 3-ABR-1893, João Antonio constituiu seu genro como procurador. Dias depois, em 19 de abril, Angelo Tardelli

11 Sobre a família Thomaz de Andrade, de Espírito Santo do Rio do Peixe e São José do Rio Pardo, ver artigo de Maria Celina Exner Godoy Isoldi, *O Capitão Tomás José de Andrade e seus descendentes*, Revista ASBRAP nº 4.

comprou de Antonio Carlos Nogueira e sua mulher Belarmina Maria de Jesus 01 (hum) alqueire de terra, com café formado, sendo parte da Fazenda da Boa Vista. Preço: 01 (hum) conto de réis. Testemunhas: José Gomes de Faria Júnior e Antonio Ferreira Gomes.

Em 24-MAR-1894, Angelo e Maria Carolina trocaram cafezal que possuíam na Fazenda Boa Vista por outras terras, na mesma fazenda, mais $\frac{3}{4}$ de café, com Luiz Gomes Nogueira e Maria Rosária Nogueira. Em 20-JUL-1894, ainda, Angelo comprou de José Alves Moreira Sá e sua mulher Mariana Cândida de Sá, por 2 contos de réis, “uma parte de terras, nos subúrbios de Espírito Santo do Rio do Peixe, principiando na casa do comprador, na Rua do Cemitério¹² abeirando o rego de água por cima até a gruta; e por esta acima até a estrada e pela estrada acima até o vallo, águas vertentes, dividindo com terras de José Antonio Cardozo, a direita sempre águas vertentes, a uma cova dividindo com o mesmo Cardozo e desta a direita por uma baixada até o pé da Canjarana.....até o vallo e pelo correjo acima pelos fundos da Casa de D. Theodora, até onde teve principio esta demarcação”.

Em 21-SET-1894, comprou casa contendo 3 portas e 3 janelas na frente, dividindo de um lado com João Paulo Garcia e de outro com “uma data do comprador” (Angelo). Nome do vendedor: Urbano Luiz Ferreira Bettin. Preço: 2 contos de réis.

Em 9-SET-1896, o casal Tardelli comprou mais terras, em comum, de Rosário Claro Nogueira, na Fazenda do Sigano, “cuja parte de culturas são altas” e limita com terras de outros proprietários, inclusive uma do próprio Angelo. Preço: 800 mil réis.

Em 29 de outubro desse mesmo ano, por permuta com Anna Cândida Nogueira, Angelo adquiriu mais terras nesse Sítio do Cigano, “sendo este sítio com casa de morada, coberta de telhas, mais casinhas, monjolo, rego d’água, pasto fechado e todas as benfeitorias que pertencem à mesma morada e 2 mil pés de café”.

Em 11-NOV-1896, Angelo comprou imóvel de Manoel Ignacio Garcia e no dia 17 outro imóvel, de José Divino Nogueira; em 3 de dezembro, foi a vez da compra de mais um imóvel, de Francisco Ribeiro de Paiva; enfim, a 26 de dezembro, Angelo e Maria Carolina realizaram a última compra imobiliária daquele ano de 1896, sendo vendedora Maria Cândida Nogueira. Testemunha:

¹² Portanto, era nessa Rua do Cemitério, na época vizinha à Igreja Matriz, que morava a família Tardelli em Espírito Santo do Rio do Peixe, em 1894; mais tarde, o cemitério foi transferido de lugar, onde se encontra até os dias de hoje.

Alfêzio Torres¹³, grande amigo de Angelo e de seu futuro genro Arlindo Ribeiro da Cunha.

Em 8-JAN-1897, Angelo e sua sogra Maria Carolina, viúva desde 1893 ou 94, passaram procuração para o advogado dr. Rodolpho de Andrade, de Caconde, “em especial para propor ação contra Gabriel Ribeiro da Cunha”, em relação ao sítio Cachoeira da Boa Vista.

Quatro meses depois, em 9 de abril, Angelo Tardelli comprou do Coronel José Leopoldino Ribeiro da Cunha, um imóvel em Espírito Santo do Rio do Peixe (depois Sapecado, atualmente, Divinolândia), por 300 mil réis – cidade onde já morava, segundo tudo indica, desde 1892.

Os nomes estrangeiros que aparecem nesses registros imobiliários são quase todos italianos: além de Tardelli, temos Contadini, Corsi, Vannuci, Fornari, Bussio, Zanini, Colombo, Franchi, Bassetti, Farani, Del Ciampo, Amalfi, Mancini, Cervelim, Cimino, Milaneze, Debra, Sevesi, Turri (Torres), Bettin, Pasquini, Maffezzoni e outros, poucos, não italianos, como Becker¹⁴, Fromm, Iene, Filloy. Muitos imigrantes portugueses recentes também aparecem nesses registros imobiliários, mas seus sobrenomes confundem-se com os dos brasileiros.

A atividade profissional de Angelo, como comerciante e agricultor, e sua participação na vida política e social continuaram na nova cidade com intensidade. Prosseguiu comprando e vendendo imóveis em toda a região. Em 1901, casou suas duas filhas mais novas, Arminda e Henriqueta (esta, com apenas 13 anos e ainda brincando com bonecas, segundo conta a história oral da família; o marido, Salvador Bazilli, também italiano, e bem mais velho, era nascido na Albânia), e em 1903 foi a vez da primogênita, Joanna. Em 7-OUT-1904 nasceu-lhe a neta mais velha, filha de Joanna, que em sua homenagem

13 Alfêzio Torres era italiano. Seu sobrenome verdadeiro, Turri, transformou-se em Torres no Brasil. Radicado em São Sebastião da Gramma, foi pai de numerosos filhos, entre eles Waldomiro Torres e José Torres, casados com duas netas de Angelo Tardelli (Rosa e Margarida Bazilli, filhas de Henriqueta Tardelli), e Elvira Torres, grande amiga de outra neta, Angelina Ribeiro da Cunha. Os Torres deixaram São Sebastião da Gramma em 1926, após grande tragédia familiar que envolveu também a família do Coronel Rabelo, chefe político local. Mas em São José do Rio Pardo permaneceu outro ramo da família Torres, descendente de Henrique Torres, tornando-se muito expressivo, inclusive politicamente, na cidade.

14 Becker é um nome comum na Alemanha. Em São José do Rio Pardo e Espírito Santo do Rio do Peixe (Divinolândia), os Becker eram grandes famílias. José Pedro Becker foi Juiz de Paz em Espírito Santo anteriormente a Angelo Tardelli. Na vizinha Pirassununga, os Becker deram origem a duas grandes damas do teatro brasileiro, Cleyde (Becker) Yáconis e Cacilda Becker (Yáconis).

recebeu o nome de Angelina (Ribeiro da Cunha) – e que foi, sempre, muito ligada aos avós maternos.

Em junho de 1909, Angelo foi eleito Juiz de Paz, sua velha aspiração desde os anos 1890 – e o primeiro casamento que oficiou foi o de Gildo Zani com Rosa Piccoli, a 5 de junho, seis dias antes do nascimento de mais uma neta, Maria Aparecida Ribeiro da Cunha, no dia 11, também filha de Joanna.

Como Juiz de Paz permaneceu até dezembro de 1913 (no ano anterior, em 8-SET-1912, nascera-lhe mais um neto, Aginaldo Ribeiro da Cunha, quinto filho de Joanna e Arlindo).

Vale a pena nos referirmos aqui às festividades religiosas, que nessa época tinham outro significado, eram verdadeiras festas populares, especialmente nas cidades do interior. Todas tinham organizadores, ou “festeiros”, e sua programação era publicada com antecedência nos jornais locais. Angelo delas participava ativamente, assim como sua família¹⁵.

Em “O Rio Pardo”, jornal de São José do Rio Pardo mas que circulava em toda a região, de 30-DEZ-1911, foi publicada a programação da festa de São Sebastião (que duraria vários dias, entre 10 e 20-JAN-1912). O festeiro era Salvador Bazilli, um dos genros de Angelo Tardelli. No dia do santo, 20 de janeiro, as festividades teriam início às 4 horas da manhã, com uma salva de 21 tiros. Entre as jovens requisitadas para angariar prendas, o jornal publicava os nomes de *Negrinha* Ribeiro da Cunha, Verônica Tardelli, Eliza de Ávila Ribeiro (*Lizota*) e Maria Cassiana de Andrade (todas aparentadas entre si).

Em 9-MAI-1912, o mesmo jornal publicava a programação da festa de Santo Antonio, que seria comemorada entre os dias 12 e 16 de junho. A comissão organizadora em Espírito Santo do Rio do Peixe era formada por José Cervelim (cuja família mais tarde aparentou-se com os Ribeiro da Cunha)¹⁶, Natal Neri, Oreste Neri e Antonio Ribeiro. Três comissões de jovens iriam angariar prendas. Na primeira estavam Francisca de Ávila Ribeiro (*Chiquinha*), Adelaide Farani (moça educada desde criança por Angelo e Maria Carolina, praticamente fazendo parte da família e muito querida por todos), Amélia Farani (talvez, irmã de Adelaide) e Verônica Tardelli; na segunda, constavam os nomes de “*Negrinha Tardelli*” (Angelo era tão ligado à neta que fazia questão de colocar-

15 A presente pesquisa foi possível graças ao maravilhoso acervo do Museu Rio-Pardense “Arsênio Frigo”, que contém jornais e revistas antigos, do final do século XIX e início do XX. São José do Rio Pardo possui também um notável Centro da Memória Rio-Pardense, com fotos da cidade e de seus habitantes desde seu passado mais remoto – iniciativa conjunta de Eduardo Dias Roxo Nobre, nosso estimado colega da ASBRAP, e de Rodolpho Del Guerra (entre outros).

16 Ver *A Família Ribeiro da Cunha*, do autor, na Revista ASBRAP nº 9, sobre o ramo de *Astolpho Ribeiro da Cunha*, de Divinolândia, ligado aos Cervelim.

lhe o próprio sobrenome), Lourdes da Cunha (outra neta), Dalila Ribeiro da Ávila, Maria Carolina de Paiva, Pedrina Becker, Izabel Franchi e jovens das famílias Mancini, Amalfi e Fornari – o acompanhante dessa comissão era “o snr. Tenente Angelo Tardelli”; enfim, na terceira comissão, trabalhariam moças das famílias Andrade, Nogueira, Cervelim, Torres, Ribeiro da Silva, Becker, Rosseto e Eliza de Ávila Ribeiro (*Lizota*).

Em 1914 o casal Tardelli mudou-se provisoriamente para Arceburgo, no sul de Minas (Angelo era negociante; segundo se pode ler no papel timbrado de sua firma : “compra e vende generos do paiz”). Aí, nasceu-lhe mais uma neta, a 3-AGO-1915, Alice Ribeiro da Cunha, filha mais nova de Joanna e Arlindo.

Em 1917 Angelo e Maria Carolina voltaram definitivamente para São José do Rio Pardo, onde moravam as três filhas. Passaram a residir na chácara do genro Arlindo, localizada onde hoje é uma parte do bairro de Vila Pereira, próximo à Gruta de Nossa Senhora de Lourdes¹⁷.

Angelo acompanhava atentamente as notícias da Primeira Guerra, com a neta Angelina (*Negrinha*) lendo-lhe diariamente o jornal *O Estado de S. Paulo*. Já *Sá Maria* preferia ler romances e folhetins, sua diversão predileta, e muito popular na época.

Angelo Tardelli morreu a 23-MAR-1919, aos 69 anos de idade – seis meses depois do amigo José Leopoldino Ribeiro da Cunha (morto em setembro de 1918). *Sá Maria* sobreviveu ao marido cerca de dezenove anos, falecendo a 16-JAN-1938, aos 74 anos, na casa da filha Henriqueta à Rua Prudente de Moraes. O casal acha-se sepultado em São José do Rio Pardo.

Os numerosos Tardelli que hoje vivem nas cidades de São José do Rio Pardo e Caconde, no estado de São Paulo, não são descendentes diretos de Angelo Tardelli, mas são todos provenientes de um mesmo tronco comum, originário de Isola Santa, comuna de Careggine, na Garfagnana, província de Lucca (Toscana).

17 Com o casal moravam também a filha Arminda, os netos Lourdes e Pedro Ribeiro da Cunha, e Adelaide Farani, criada por eles desde a infância. Adelaide, solteira, sempre dedicada, morou com a família a vida toda, falecendo por volta de 1960 em São Paulo. Devia ter, então, 60 anos de idade.



Família Tardelli em Espírito Santo do Rio do Peixe, anos 1890. Angelo e Maria Carolina estão ladeados pelas três filhas, Arminda, Joanna e Henriqueta.

CAPÍTULO IV

OS FERREIRA DA SILVA, DO SUL DE MINAS, E SUA UNIÃO COM OS TARDELLI EM 1881.

Este capítulo, e os dois seguintes, são dedicados à família de minha bisavó Maria Carolina (Ferreira) da Silva



Maria Carolina Ferreira da Silva, São José do Rio Pardo (SP), anos 1880.

O casamento de Angelo Tardelli com Maria Carolina (Ferreira) da Silva, *Sá Maria*, foi celebrado na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, em Campestre, no sul de Minas, em 7-ABR-1881 pelo vigário, Padre José Falci (também ele de origem italiana). O noivo contava cerca de 30 anos e a noiva somente 16. Caso raro, na época, de imigrante recém-chegado casar-se em família tradicional de fazendeiros, orgulhosa de sua ancestralidade lusitana (mais especificamente, açoriana) e orgulhosa também da antiga vinda para o Brasil, dois séculos atrás, contrapondo-se aos recém-chegados imigrantes, italianos ou não, como uma espécie de aristocracia local, talvez pelo critério da antiguidade na imigração.

Os recém-chegados Tardelli uniram-se a esses velhos troncos portugueses de São Paulo e do sul de Minas, representados pelas famílias Ferreira da Silva, Machado de Araújo e Mendonça Coelho (os dois quadros genealógicos integrantes deste texto mostram bem a origem dessas antigas famílias).

Esse casamento pode ser explicado, talvez, pela própria personalidade de Angelo Tardelli, diferenciada, incomum, um homem sem dúvida nenhuma muito bem preparado intelectualmente, como prova sua eleição para Juiz de Paz em 1909, sua ativa participação na política da época e sua facilidade em escrever – e perfeitamente bem - o português. Outra prova disso, era sua ambição social e profissional, através da amizade com brasileiros de longa data, como o Coronel José Leopoldino Ribeiro da Cunha.

Isso, sem prejuízo de sua profunda ligação com os compatriotas italianos, inclusive os parentes Tardelli, também fixados na região. O Prof. Rodolpho Del Guerra, de São José do Rio Pardo, demonstrou ter sido Angelo um dos (muitos) signatários-fundadores da *Società Italiana di Mutuo Soccorso XX di Settembre* (de amparo aos imigrantes e trabalhadores italianos em São José), o que demonstra sua inserção entre os imigrantes.

Battista Tardelli, chegado em 1890, Amedeo Tardelli, Paradiso Tardelli, Abramo Tardelli, entre outros, todos vindos no mesmo período e fixados em São José do Rio Pardo, Espírito Santo do Rio do Peixe, São Sebastião da Gramma e Caconde, eram parentes, primos, de Angelo, e fixados nessas cidades por sugestão ou iniciativa dele, vindo antes, no final dos anos 1870.

CAPÍTULO V

A ASCENDÊNCIA PATERNA DE MARIA CAROLINA FERREIRA DA SILVA

Os dados transcritos a seguir, sobre os antepassados paternos de Maria Carolina, foram pesquisados pela genealogista Maria Celina Exner Godoy Isoldi e constam de seu extenso e bem formado arquivo genealógico (esses dados não foram ainda publicados por ela, pelo menos nas anteriores Revistas ASBRAP; eu os obtive em consulta direta no arquivo de Maria Celina, a quem agradeço com muita amizade, em pesquisa feita especialmente para constar deste texto).

Alguns dos dados integrantes do § 2º, sobre João Antonio da Silva, foram também resultado de outras pesquisas minhas e da história oral familiar.

Provavelmente os pais de João Antonio da Silva, fixados primeiramente em Barbacena e depois em Caldas, no sul de Minas, eram portugueses de imigração recente, talvez filhos de portugueses imigrados, mas ignora-se (ainda) de que região de Portugal eram originários e quando chegaram ao Brasil.

§1º

- I— ANTONIO FRANCISCO DA SILVA E MARIA CLARA DA PURIFICAÇÃO (típico nome português; o sobrenome de família de Maria Clara permanece ignorado) eram naturais de Barbacena, Minas Gerais, nascidos por volta de 1780 / 1785. Transferiram-se para a freguesia de Caldas, no sul de Minas (cidade antiga, situada na vizinhança de Poços de Caldas, na época ainda não existente) no início da década de 1810. Aí tiveram a maioria de seus filhos (os mais velhos nascidos ainda na região de Barbacena), criaram sua

família e morreram – Maria Clara em 1842, já viúva, mais ou menos aos 57, 60 anos, quando foi autuado seu inventário. Pais de:

- 1 (II) - FLORENCIANO ANTONIO DA SILVA, n. em Barbacena, por volta de 1805 e casou-se em Caldas em 14-ABR-1828.
- 2 (II) - FRANCISCO ANTONIO DA SILVA, n. em Barbacena, cerca 1807, casado em Caldas em 5-JUN-1828 com MARIANA DE OLIVEIRA, n. em Ouro Fino, filha de Pedro Severino de Oliveira e de Anna Joaquina de Ávila.
- 3 (II) - MARIA FLORIANA (DA SILVA), n. em Santa Rita de Ibitipoca, região de Barbacena, cerca 1810 e casou-se em Caldas em 10-JAN-1825 com ANTONIO SOARES DE CASTILHO, natural de Mogi Guaçu, filho de Sutério Soares de Castilho e de Quitéria Maria de Andrade.
- 4 (II) - OLINDA MARIA DAS DORES (DA SILVA), n. em Caldas, onde casou-se a 5-JUN-1828 com JOÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA, irmão de Mariana de Oliveira, acima mencionada.
- 5 (II) - JOÃO ANTONIO DA SILVA, que segue no §2º.
- 6 (II) - JOAQUIM ANTONIO DA SILVA, n. em Caldas e casou-se em Campestre em 25-OUT-1843, com FRANCISCA MARIA DE ASSIS.
- 7 (II) - MANUEL ANTONIO DA SILVA, n. em Caldas cerca de 1822 e casou-se em Campestre, em 1867, aos 45 anos de idade, com ANA JOAQUINA, viúva de Antonio José Rodrigues.
- 9 (II) - GABRIEL ANTONIO DA SILVA, n. em Caldas e casou-se em Campestre com ANA INÁCIA DA CONCEIÇÃO (MUNIZ), filha de Manuel José Muniz e de Maria Gertrudes.
- 10 (II) – FELISBINO ANTONIO DA SILVA, n. em Caldas e casou-se em Campestre em 25-ABR-1846 com INOCÊNCIA MARIA CÂNDIDA.

§2º

- II - JOÃO ANTONIO DA SILVA n. em Caldas por volta de 1816. Jovem ainda, por ocasião de seu primeiro casamento, mudou-se para a vizinha freguesia de Campestre, fundada em 1830. Casou-se três vezes, tendo sido pai de 9 filhos. Morreu provavelmente em Espírito Santo do Rio do Peixe (atual Divinolândia, SP), com inventário autuado na comarca de Caconde, em 23-ABR-1894, sendo inventariante a viúva-meeira, sua terceira mulher. Faleceu entre abril de 1893 e abril de 1894, tendo cerca de 77 a 78 anos de idade. Foi fazendeiro próspero em Campestre, onde tinha grande fazenda, e teve negócios em todo o interior paulista, particularmente na região de

Santa Bárbara do Rio Pardo, associado a um investidor famoso na época, *Tonico Lista*¹⁸. Esses negócios imobiliários entre ambos resultaram em querelas jurídicas, que ocuparam uma longa série de volumes processuais (e, pelo que se sabe, nada resultaram de concreto para os filhos e as netas de João Antonio da Silva).

Em seu inventário constam “*terras na Fazenda da Cachoeira da Boa Vista, distrito de Caconde, casas de moradas, paiol, moinho, monjolo. Terras na Fazenda Capivari, no município de Santa Bárbara do Rio Pardo, comarca de Avaré. As terras na Fazenda Cachoeira da Boa Vista, em Espírito Santo do Rio do Peixe, foram compradas de Gabriel Ribeiro da Cunha e sua mulher Maria José da Natividade, como tutor de seus três filhos, Maria Gabriela, Adelaide Aurora e José Olímpio Ribeiro da Cunha.*”¹⁹

De seu primeiro casamento, com TEODORA FRANCISCA DE JESUS (FERNANDES CARVALHO DA SILVA), filha de José Carvalho da Silva e de Luiza Joaquina Fernandes, em 29-ABR-1839 (celebrado na Fazenda Boa Vista do Ribeirão de São Miguel, casa da mãe da noiva)²⁰, teve dois filhos:

- 1 (III) – FELISBINO ANTONIO DA SILVA – morto criança.
- 2 (III) – CUSTÓDIO ANTONIO DA SILVA, bat. em Campestre em 27-MAR-1843. Provável pai de Gabriel Custódio da Silva, que aparece no testamento do avô João Antonio da Silva como um dos herdeiros, por morte do pai.

Enviuvando em 8-JUL-1843, aos 27 anos, João Antonio casou-se pela segunda vez no ano seguinte, em 19-FEV-1844, com LIBERATA MARIA DA TRINDADE, nascida por volta de 1826, filha de Manuel Trindade e de Maria Arcangela da Trindade. Dessa união nasceram outros dois filhos:

- 3 (III) – MARIA MADALENA DA SILVA, bat. em Campestre em 12-AGO-1847.
- 4 (III) – GABRIEL ANTONIO DA SILVA SOBRINHO, bat. em Campestre em 9-ABR-1849. Casado duas vezes, a primeira com EMIRENA MARIA DE JESUS MUNIZ e a segunda com ELISA ELISIÁRIA DE JESUS.

18 José Leopoldino Ribeiro da Cunha participou também em negócios em Santa Bárbara, até mesmo, possivelmente, com João Antonio, como se verifica em várias procurações passadas por ele para tratar de negócios imobiliários naquela região.

19 Arquivo Maria Celina Exner Godoy Isoldi.

20 Arquivo Aguinaldo Ribeiro da Cunha Filho.

Enviuvando novamente em 9-JAN-1862, aos 46 anos, voltou a casar-se pela terceira vez, provavelmente no ano seguinte, 1863, com MARIA CAROLINA (DE ALMEIDA FERREIRA) DA SILVA, então com 30 anos e já também viúva do primeiro marido. Ela nasceu em Campestre em 1833, filha do Alferes JOSÉ NICOLAU FERREIRA DA SILVA e de ANA FRANCISCA DE ALMEIDA. Dessa terceira união de João Antonio nasceram 5 filhos, todos em Campestre, que seguem no capítulo seguinte, § 1º, n XIV.

CAPÍTULO VI

A ASCENDÊNCIA MATERNA DE MARIA CAROLINA FERREIRA DA SILVA, DOS AÇORES (PORTUGAL)

Os dados a seguir transcritos sobre os antepassados maternos de Maria Carolina, foram coletados em dois excelentes trabalhos genealógicos: “Um antigo habitante da região de Cabo Verde, Minas Gerais – Frutuoso Machado Tavares e Silva”, de autoria da genealogista Maria Celina Exner Godoy Isoldi²¹ e “Título Fagundes da Ilha Terceira (alguns descendentes nos Açores e em São Paulo”, de autoria do genealogista Helvécio de Vasconcelos Castro Coelho²².

Com esses dados pode-se traçar parte da ascendência materna de Joanna Tardelli, predominantemente açoriana, até o Portugal do século XV.

§1º

- I – RODRIGO AFONSO FAGUNDES²³, n. em Portugal por volta de 1430. Discípulo do Infante D. Henrique, o Navegador. Parece que era natural de Viana, norte de Portugal, no Minho. Depois de casar-se, passou a residir na Ilha Terceira, nos Açores. Pai de:
- II – ISABEL RODRIGUES FAGUNDES, n. em Portugal por volta de 1455²⁴, casou-se na Ilha Terceira com GIL ANES CURVO (ou *GIL DE BORBA*), natural de Borba, no Alentejo, centro de Portugal, região da cidade de Évora. Pais de:
- III – CATARINA GIL FAGUNDES (também conhecida como *MARIA RODRIGUES FAGUNDES*), n. nos Açores cerca de 1480, onde casou-se com seu parente FERNÃO VAZ FAGUNDES. Pais de:

21 Publicado na Revista ASBRAP nº 5.

22 *Mimeo*, original publicado na Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro.

23 Rodrigo Afonso Fagundes é 14º avô de Joanna Tardelli.

24 As prováveis datas de nascimento, em alguns casos, foram calculadas pelo autor, apenas para situar no tempo esses ascendentes.

- IV – MÉCIA LOURENÇO FAGUNDES, n. nos Açores, cerca de 1505, onde casou-se na Ilha de São Jorge com FERNÃO MARTINS (cavaleiro e chefe de uma esquadra que aportou na ilha). Pais de:
- V – Capitão ANTÃO MARTINS FAGUNDES - n. nos Açores cerca de 1530, casando-se na freguesia de Santa Bárbara das Nove Ribeiras, em 1560, com BÁRBARA DIAS VIEIRA MACHADO, n. na mesma freguesia cerca de 1540, filha de PEDRO LOURENÇO MACHADO e de sua mulher CATARINA DIAS VIEIRA.
- Os avós paternos de Bárbara foram AFONSO MACHADO e sua mulher MARQUESA GONÇALVES MACHADO, e os maternos, DIOGO ALVARES VIEIRA e sua mulher BEATRIZ ANES CAMACHO. Pais de:
- VI – Capitão ANTÃO MARTINS FAGUNDES, n. na Ilha Terceira por volta de 1585, aí casou-se em 1615 com CATARINA MARTINS, que nasceu na mesma ilha cerca de 1595, sendo ambos “*cristãos-velhos e pessoas nobres e de qualidade*”. Pais de:
- VII – Mestre de Campo JOÃO MACHADO FAGUNDES, n. na freguesia de Santa Bárbara das Nove Ribeiras, em Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, cerca de 1620. Participou da batalha de Elvas como sargento mor, em 1659; foi governador de Valença de Alcântara; tinha o título de Morgado da Praia, na Ilha Terceira.
- Casou-se com MARIA DE CÁRDENAS PRETO, filha de MANUEL RODRIGUES PRETO e de LUIZA DE CASTRO, todos naturais da Ilha Terceira, e “*cristãos-velhos*”. Pais de:
- VIII – Capitão AGOSTINHO MACHADO FAGUNDES, n. em Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, cerca de 1645, e fal. em São Paulo, em 1718. Nasceu na Rua do Rego, em Angra, e foi bat. na freguesia de Santa Luzia, nas mesma cidade. Sucedeu a seu pai em suas propriedades e títulos.
- Primeiro de seu ramo familiar a emigrar para o Brasil, fixando-se na Capitania de São Paulo - 7º avô de Joanna Tardelli.*
- Casou-se em São Paulo, em 1670, com GENEBRA LEITÃO DE VASCONCELOS, bat. na Sé de São Paulo em 2-OUT-1649 e fal. em Mogi das Cruzes em 1691, aos 42 anos.
- Filha do Capitão DOMINGOS DE OLIVEIRA LEITÃO e de ANA DA CUNHA, moradores em São Paulo.
- GENEBRA LEITÃO DE VASCONCELOS era neta paterna de MANUEL DE OLIVEIRA GAGO, n. em Santos em 1567, e de GENEBRA LEITÃO (*Genealogia Paulistana, Título “Oliveiras”*), e neta materna de MANUEL DA CUNHA, português da Ilha de São Miguel nos Açores, n. em 1592, e de CATARINA PINTO, natural de São Paulo - “*todos, nobres e cristãos-velhos*”. Pais de:

- IX – Capitão AGOSTINHO MACHADO FAGUNDES DE OLIVEIRA, n. em São Paulo em 1677 e fal. em Pindamonhangaba em 27-FEV-1716, aos 39 anos. Morador nas vilas de Santos e São Paulo, e, a partir de 1708, na sua Fazenda da Boa Vista, em Pouso Alto, sul de Minas. Depois, residiu em Guaratinguetá e em Nossa Senhora da Piedade (atual Lorena). Casou-se em São Paulo em 1697 com MARIA DE VASCONCELOS, bat. em Santos em 6-JUN-1677 e fal. em Guaratinguetá em 26-ABR-1755, aos 78 anos. Maria de Vasconcelos era filha do Capitão ANTONIO VAREJÃO DE MENDONÇA, natural de São Paulo, e de MARIANA DE VASCONCELOS, natural de Santos. Era neta paterna do Capitão PEDRO GONÇALVES VAREJÃO, natural de Amarante, em Portugal, e de CATARINA DE MENDONÇA (*Genealogia Paulistana, Título Siqueira Mendonça*). Neta materna do Capitão-Mor ANTONIO DE AGUIAR BARRIGA (governador, alcaide-mor e ouvidor da Capitania de São Vicente desde 1637) e de MARIA DE VASCONCELOS AGUIRRE. Maria de Vasconcelos Aguirre, por sua vez, era filha do Capitão-Mor e Ouvidor DIOGO ARIAS DE AGUIRRE e de MARIANA LEITÃO DE VASCONCELOS, “*peçoas da nobreza de São Vicente*”. Pais de:
- X – FRANCISCA MACHADO DE OLIVEIRA, bat. em Santos em 14-SET-1698. Casou-se em 1713 na freguesia de Santo Antonio, em Pouso Alto, “caminho velho das Minas Gerais”, com o Capitão JOSÉ TAVARES DA SILVA, n. em 1682 na freguesia de Nossa Senhora da Estrela, vila da Ribeira Grande, na Ilha de São Miguel, nos Açores, filho por sua vez de JOÃO DA SILVA e de BÁRBARA LOPES. O Capitão José e Francisca Machado viveram em Minas Gerais até 1718 e depois fixaram-se, por 20 anos, nos Açores, na vila da Ribeira Grande. Voltaram ao Brasil em 1736, residindo então na freguesia de Santo Amaro, em São Paulo e, depois, na freguesia de Nossa Senhora da Piedade (atual Lorena), termo da vila de Guaratinguetá. O Capitão José “*foi homem de posses, vivendo com gravidade, tendo exercido nessa vila os cargos de governança, entre os quais o de juiz ordinário em 1748. Como pessoa em quem concorriam nobreza, atividade e outros requisitos, teve patente de capitão de infantaria da vila de Guaratinguetá a 18 de março de 1739*”, aos 57 anos de idade. Pais de:
- XI – FRUTUOSO MACHADO TAVARES E SILVA, n. em Santo Amaro, capitania de São Paulo, bat em julho de 1736, e fal. em Cabo Verde, Minas Gerais, entre 1782 e 1786. Casou-se em São Paulo com CUSTÓDIA DE ARAÚJO PAES, filha do Capitão LOURENÇO CASTANHO DE ARAÚJO e de MARIA DE ALMEIDA DE SIQUEIRA.

Frutuoso e Custódia residiram em Guaratinguetá e por volta de 1772 fixaram-se na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Descoberto – ou do Bom Sucesso - do Rio Pardo (atual cidade de Caconde, em São Paulo).

Custódia de Araújo Paes (*Genealogia Paulistana, volume 4, pág. 235, n. 4-5*), estava viva ainda em 1795, quando contava aproximadamente 57 anos.

Seus pais eram também nascidos no Brasil, sendo o Capitão Lourenço natural da Vila de Santos (n. cerca 1710) e sua segunda mulher, Maria de Almeida, natural da Vila de Curitiba (n.cerca 1720). Pais de²⁵:

XII – Capitão JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE ARAÚJO, n. em Guaratinguetá, São Paulo, sendo aí bat. em 31-NOV-1767; fal. na freguesia de Cabo Verde, sul de Minas, em 22-JUN-1836, aos 69 anos.

Casou-se em 23-NOV-1802 na freguesia de Jacuí, também no sul de Minas, com TEODORA MARIA MOREIRA DE JESUS, n. em Jacuí e fal. em 13-FEV-1858, filha do Capitão ANTONIO SOARES COELHO (bat. em 27-JAN-1744 na Vila de Pitangui) e de TERESA MOREIRA DE CARVALHO (bat. em 11-ABR-1751 e fal. em 7-AGO-1817 na freguesia de Cabo Verde, aos 66 anos).

Esse casal tinha ilustre ascendência, em Portugal e no Brasil, também estudada pela genealogista Maria Celina Exner Godoy Isoldi e publicada no artigo já citado da Revista ASBRAP n. 5 (capítulo sobre os Mendonça Coelho). Dados sobre essa ascendência a seguir.

O Capitão Antonio Soares Coelho era natural da Vila de Pitangui, Bispado de Mariana, em Minas, sendo filho de CIPRIANO COELHO DE SOUSA (n. em 1706 em S. Tiago de Modelos, concelho de Penafiel, em Portugal, filho de JOÃO FERREIRA e de MARIA DE SOUSA, e fal. em 22-MAIO-1786 na freguesia de Jacuí no sul de Minas, aos 80 anos) e de MARIA JOSEFA DA CUNHA (bat. em 4-ABR-1723, no “caminho das minas”, sendo o batismo registrado em Lorena, filha de JOSÉ LUÍS DA CUNHA e de JOANA VIEIRA CABRAL, e fal. em 1-JAN-1793 em Jacuí, aos 70 anos).

Teresa Moreira de Carvalho era filha do Guarda-Mor FRANCISCO MOREIRA DE CARVALHO, português de Lisboa, filho por sua vez de LUÍS FERNANDES DE CARVALHO e de CATARINA DE SENE, e de TEODORA MARIA DE MENDONÇA, bat. em 10-NOV-1718 na atual Tiradentes, MG,

25 Artigo de Maria Celina Exner Godoy Isoldi, “*Frutuoso Machado Tavares e Silva*”, in Revista ASBRAP nº 5 - os demais filhos de Frutuoso e de Custódia de Araújo foram: LOURENÇO CASTANHO MACHADO DE ARAÚJO, bat. 1769; Capitão FRUTUOSO MACHADO TAVARES E SILVA, bat. 1771; Alferes FRANCISCO MACHADO DE ARAÚJO, bat. 1773; Alferes JOÃO MACHADO DE ARAÚJO, bat. 1775; ANA CUSTÓDIA DE ARAÚJO, bat. 1777; e JOAQUIM MACHADO DE ARAÚJO PAES, bat. 1779.

filha do Capitão AMARO DE MENDONÇA COELHO, português dos Açores e de MARIA DA ASSUNÇÃO.

O Capitão José Joaquim e Teodora Maria foram proprietários da Fazenda São Domingos, e de terras nas Fazendas Ribeirãozinho, Campestre e do Engenho, situadas em Cabo Verde, sul de Minas. Pais de:²⁶

XIII –ANA FRANCISCA DE ALMEIDA, n. em Cabo Verde, Minas Gerais, bat. a 23-JUL-1807 e fal. em Campestre, Minas Gerais, em 1869, aos 62 anos.

Casou-se com JOSÉ NICOLAU FERREIRA DA SILVA, n. cerca 1806 em Cabo Verde e fal. em Campestre em 1843, aos 37 anos. Filho de MANUEL FERREIRA DA SILVA e de MARIANNA MOREIRA DE SOUZA, residentes na freguesia de Cabo Verde e proprietários da Fazenda São Miguel, em Campestre.

Marianna, segundo Celina Godoy, talvez seja filha do casal ANTÔNIO MOREIRA RIBEIRO e JULIANA DE SOUZA SOARES. A ilustre genealogista está pesquisando esse ramo, com inventário em São Sebastião do Paraíso, no sul de Minas.

O Alferes José Nicolau e Ana Francisca moravam no Pasto Bom, em Campestre. O inventário de José Nicolau foi autuado em Caldas em 2-NOV-1846. O inventário de Ana Francisca foi autuado também em Caldas, em 1869. Em fevereiro desse ano, pouco antes de sua morte, ela vendeu parte de suas terras na Fazenda São Miguel.

Ana Francisca de Almeida tinha sobrenome completamente diferente do de seus pais – sobrenome paterno, Machado de Araújo (unindo Machado Tavares e Silva com Araújo Paes) e materno, Soares Coelho (unido a Moreira de Carvalho).

O *Almeida* remonta a uma das bisavós paternas de Ana Francisca, Maria de Almeida de Siqueira, anteriormente citada como mulher do Capitão Lourenço Castanho de Araújo e mãe de Custódia de Araújo Paes. Estranho terem escolhido esse sobrenome para Ana Francisca e não um dos mais próximos na árvore familiar. Pais de:²⁷

26 *Idem*, Revista ASBRAP n. 5 – os demais filhos do Capitão José Joaquim e de Teodora Moreira foram: FRANCISCO MACHADO, n.cerca 1803; MARIA TEODORA MACHADO, bat. 1809; CUSTÓDIA DE ARAÚJO PAES, bat. 1812; LUÍSA MARIA DA GLÓRIA, bat. 1815; Capitão JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE ARAÚJO, bat. 1816; Alferes FRANCISCO DE PAULA MACHADO DE ARAÚJO, bat. 1818; ANTONIO SOARES MACHADO DE ARAÚJO, bat. 1820, casado com a sobrinha MARIA CAROLINA (FERREIRA) DA SILVA; TERESA MARIA DE JESUS, bat. 1823; e FRANCISCA DE PAULA SOARES DE ARAÚJO, fal. 1841.

27 *Idem*, Revista ASBRAP nº 5 – os demais filhos de Ana Francisca e de José Nicolau foram: MARIANA AMÉLIA DA SILVA, n. cerca 1830, casada com JOSÉ CÂNDIDO CARNEIRO DE ARAÚJO e em segundas núpcias com VENÂNCIO JOSÉ DA SILVA; JOSÉ NICOLAU FERREIRA, bat. 1834; TEODORA MARIA DO NASCIMENTO, bat. 1836, casada com JOSÉ VIANNA DE

XIV – MARIA CAROLINA (DE ALMEIDA FERREIRA) DA SILVA, nascida em Campestre em 1833. Casou-se em primeiras núpcias com seu tio materno ANTONIO SOARES MACHADO DE ARAÚJO, fal. em 13-SET-1852, aos 32 anos; em segundas núpcias, por volta de 1863, casou-se com JOÃO ANTONIO DA SILVA. Estava viva, ainda, em 1898, quando tinha 65 anos, por ocasião do casamento de sua filha Cândida Carolina (*Candota Rancan*).

Sempre assinou apenas “Maria Carolina da Silva”, mas poderia ter assinado os sobrenomes dos pais “Maria Carolina de Almeida Ferreira da Silva”. Para diferenciá-la de sua filha homônima, que foi casada com Angelo Tardelli, neste texto colocamos os sobrenomes Almeida Ferreira da Silva entre parênteses sempre que nos referimos a ela.

Do primeiro casamento teve dois filhos:

- 1 (XV) – MARIANA SOARES MACHADO DE ARAÚJO, n. e bat. em Campestre em 1847.
- 2 (XV) - JOSÉ SOARES MACHADO DE ARAÚJO, n. e bat. em Campestre em 1850.

Do segundo casamento, teve cinco filhos:

- 3 (XV) - MARIA CAROLINA (FERREIRA) DA SILVA (*SÁ MARIA*), que segue no Capítulo VII, § 1º, *Os Ribeiro da Cunha e sua união com os Tardelli (1901 e 1903). Os ramos de Joanna, Arminda e Henriqueta Tardelli*.
- 4 (XV) - LUÍSA CAROLINA (FERREIRA) DA SILVA – bat. em Nossa Senhora da Conceição da Boa Vista (atual Divisa Nova), sul de Minas, em 14-AGO-1866. Casou-se em Campestre, em 7-FEV-1882, com GABRIEL ANTONIO FELISBERTO DOS REIS.
- 5 (XV) - ANA BRÍGIDA (FERREIRA) DA SILVA, bat. em Campestre cerca de 1868, onde casou-se em 20-SET-1886 com CUSTÓDIO RIBEIRO DA SILVA.
- 6 (XV) – ANTONIO MANUEL (FERREIRA) DA SILVA – bat. em Campestre em 15-ABR-1872.
- 7 (XV) – CÂNDIDA CAROLINA (FERREIRA) DA SILVA (*CANDOTA*) – n. em Campestre cerca 1874. Casou-se em 23-ABR-1898, em Espírito Santo do Rio do Peixe (atual Divinolândia, SP), com DOMINGOS RANCAN, italiano da comuna de S. Pedro, filho de Angelo e de Lúcia Rancan, negociante²⁸.

SOUSA; ELEUTÉRIO FERREIRA DA SILVA, bat. 1837; FIRMINO FERREIRA DA SILVA, n.cerca 1838; e JULIANA CÂNDIDA DA SILVA, bat. 1840, casada com JOÃO FELISBERTO DOS REIS.

28 No registro de casamento, efetuado perante o juiz José Pedro Becker, perante as testemunhas Angelo Petrolho e Agostinho Luiz Pereira Bittencourt, o sobrenome de tio Domingos aparece grafado errado, “Roncan” e não “Rancan”, que é o correto.

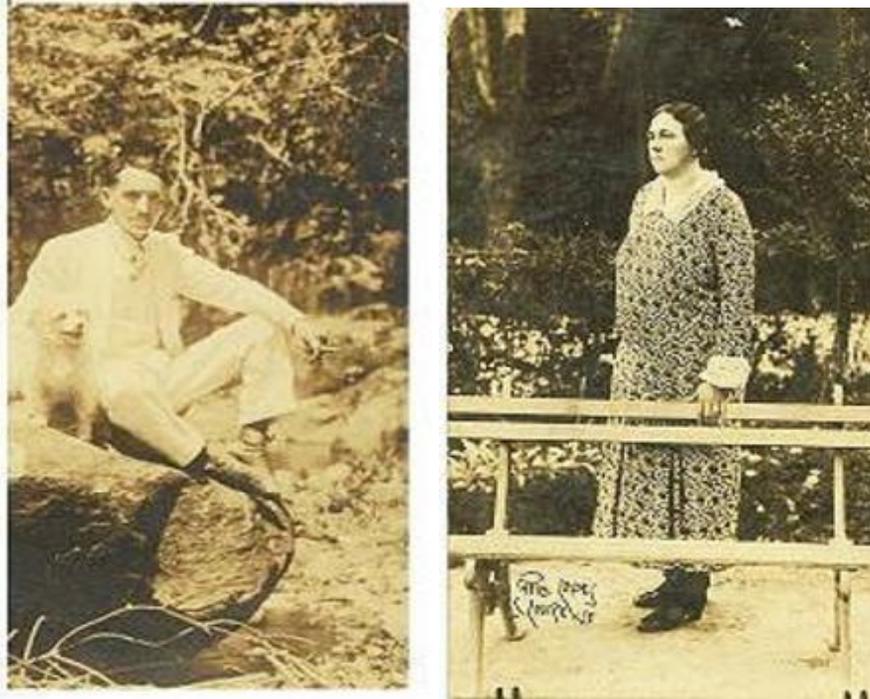
Candota e Domingos Rancan eram muito ligados a *Sá Maria* e Angelo Tardelli, ao contrário das três outras irmãs, Maria Madalena, Luiza Carolina e Ana Brígida, que permaneceram afastadas em Campestre e sobre as quais nada se sabe na família. Dez anos mais jovem que *Sá Maria*, *Candota* casou-se com um imigrante italiano talvez influenciada pela irmã e pelo cunhado. A vida inteira permaneceram ligadas uma com a outra.

O casal Rancan não teve filhos. Viveu em Espírito Santo do Rio do Peixe, São José do Rio Pardo (morando na Rua Benjamin Constant, ao lado dos sobrinhos Arlindo e Joanna) e, depois, em Águas da Prata, onde morreram nos anos 40/50.

Educaram, como filha, CLEMENTINA RANCAN (*MENINA*), nascida por volta de 1910, mais tarde casada com um ítalo-brasileiro e radicada em Jacarezinho, estado do Paraná.

CAPÍTULO VII
OS RIBEIRO DA CUNHA E SUA UNIÃO COM OS TARDELLI (1901 e
1903). OS RAMOS DE JOANNA, ARMINDA E HENRIQUETA
TARDELLI

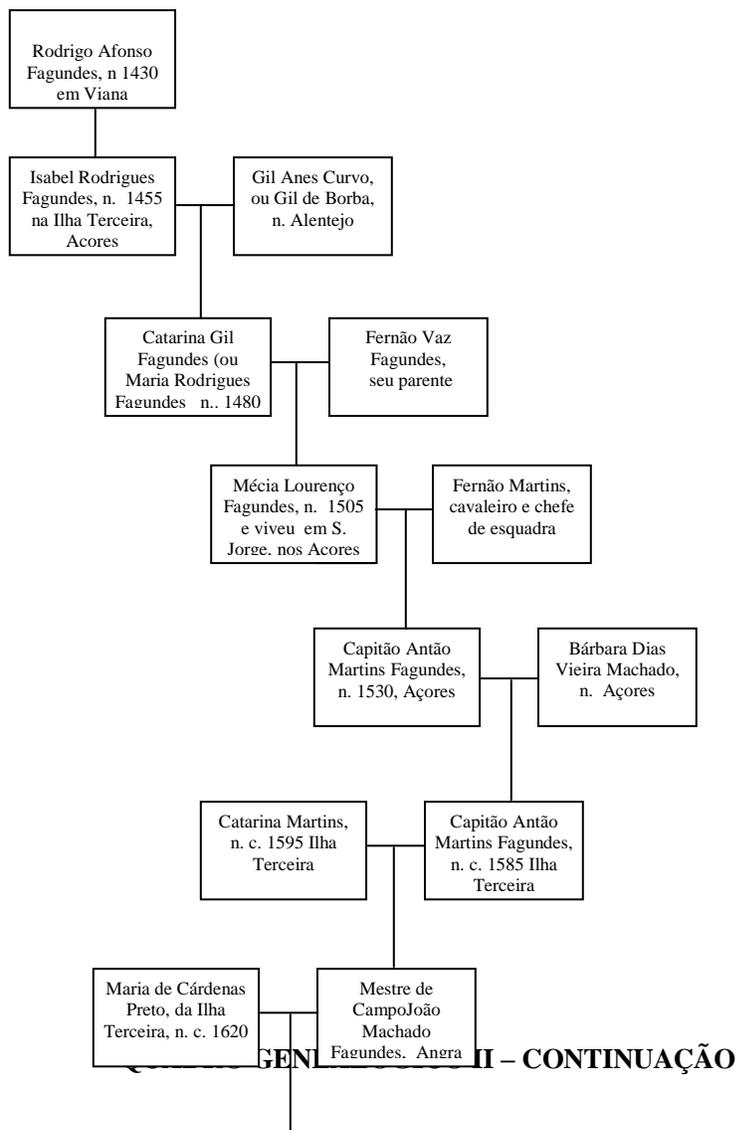
Este capítulo é dedicado aos descendentes do casal Angelo e Maria Carolina Tardelli



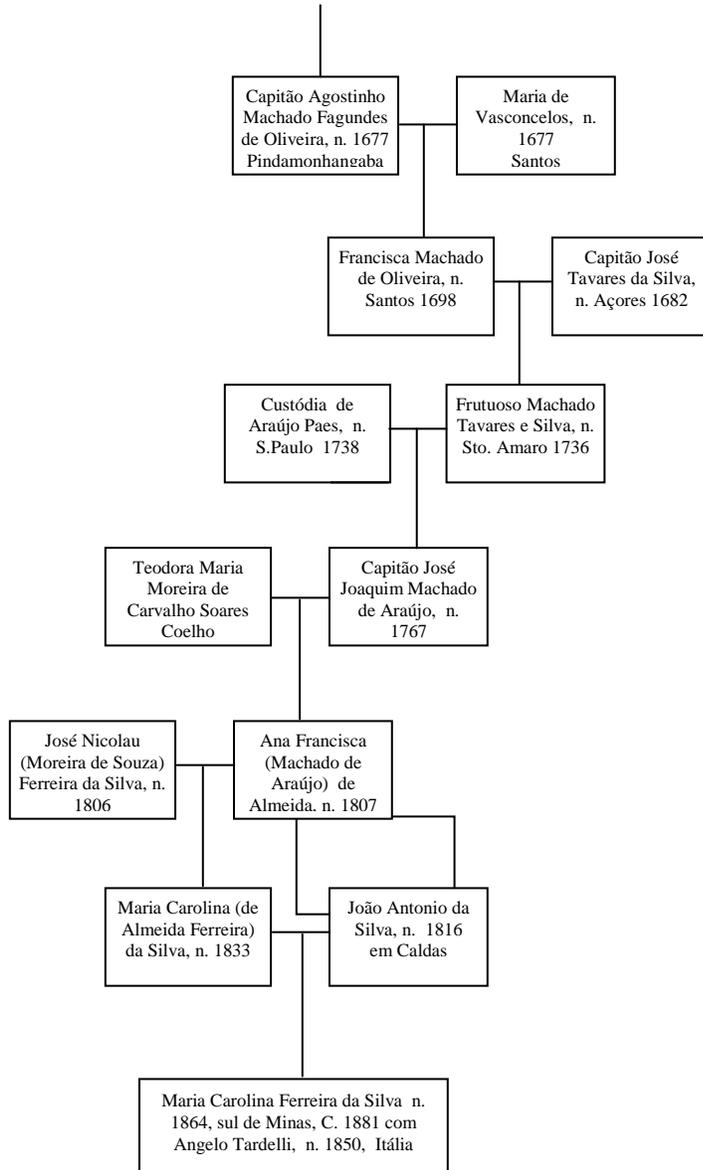
O casal Arlindo Ribeiro da Cunha e Joanna Tardelli, ele na ilha de São Pedro, em São José do Rio Pardo, cerca de 1915 (com o cãozinho *Jeca*), ela em São. Lourenço, sul de Minas, cerca de 1925

QUADRO GENEALÓGICO II FAMÍLIAS TARDELLI E FERREIRA DA SILVA

(vários dos nomes deste quadro, como Bárbara Dias Vieira Machado, Maria de Cárdenas Preto, Genebra Leitão de Vasconcelos, Maria de Vasconcelos, Capitão José Tavares da Silva e Custódia de Araújo Paes, poderiam ter seus próprios ancestrais constantes do quadro, o que, porém, o tornaria extenso demais).



(As famílias descendentes do último casal deste quadro, Angelo e Maria Carolina Tardelli, são, na 1ª geração: Ribeiro da Cunha, Cunha Ferraz, Cunha Valle, Bazilli, Torres e Garnier)



§ 1º

XV – MARIA CAROLINA (FERREIRA) DA SILVA, *SÁ MARIA*, n. em Campestre cerca de 1864. Casou-se com Angelo Tardelli em 27-ABR-1881 na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo de Campestre. Morreu em São José do Rio Pardo, aos 74 anos, em 16-JAN-1938. Tinha o mesmo nome da mãe.

Filhas:

1 (XVI) – JOANNA DA SILVA TARDELLI (*JANA*), que segue.

2 (XVI) – ARMINDA DA SILVA TARDELLI, que segue no §2º.

3 (XVI) – HENRIQUETA DA SILVA TARDELLI, que segue no §3º.

XVI – JOANNA DA SILVA TARDELLI (*JANA*), minha avó, n. em São José do Rio Pardo em 15-ABR-1884, assim batizada em homenagem à avó paterna, Maria Giovanna Poli; fal. em São Paulo, aos 81 anos de idade, em 16-FEV-1966. Em 25-JAN-1903, aos 18 anos, casou-se com ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA, meu avô, nascido em Machadinho (atual Poço Fundo), sul de Minas, mas criado em Espírito Santo do Rio do Peixe (cidade natal de sua mãe Maria Balbina), onde foi, inclusive, batizado em agosto desse ano de 1883, filho de AMÉRICO RIBEIRO DA CUNHA e de MARIA BALBINA DE SÃO JOSÉ MARTINS (COELHO), fal. em 18-ABR-1946, em São Paulo, aos 63 anos. Filhos:



O casal Arlindo Ribeiro da Cunha e Joanna Tardelli, meus avós, em São José do Rio Pardo, em 1925.



Festa nos anos 20 nos interiores do tradicional *Clube Ao Ponto*, de Arlindo Ribeiro da Cunha e Joanna Tardelli, em São José do Rio Pardo²⁹

Os seis filhos de Joanna Tardelli e Arlindo Ribeiro da Cunha e seus descendentes constam de estudo detalhado, *A Família Ribeiro da Cunha*, publicado na Revista ASBRAP nº 9. Nesse texto registraram-se as famílias ascendentes dos Ribeiros da Cunha em Portugal (os Cunha de Carvalho desde o século XIII³⁰ e os Ribeiro da Silva desde o século XVII), a formação do núcleo familiar no Brasil, em 1810, em Baependi, no sul de Minas (com a união entre o Alferes Antonio Ribeiro da Silva e Luísa Leocádia da Cunha de Carvalho) e as famílias descendentes dos filhos homens desse casal (Cristóvão, Graciano, Antonio, José, Joaquim e Narcizo), que passaram a assinar Ribeiro da Cunha.

Desses primeiros Ribeiro da Cunha outros ramos tiveram origem: Ribeiro da Cunha propriamente ditos, Ávila Ribeiro, Cunha Ferraz, Cunha

29 Acervo do Museu e do Centro de Memória de São José do Rio Pardo, com especial agradecimento ao Prof. Rodolpho Del Guerra.

30 Pesquisa na monumental obra *Os Carvalhos de Basto*, editada em Braga, onde o autor a comprou, em 1998, na própria Editora Carvalhos de Basto, por encomenda dos amigos genealogistas Carlos e Celina Isoldi, que gentilmente cederam alguns dos volumes para esta pesquisa sobre os Cunha de Carvalho.

Valle, Ferraz Marques, Ferraz Toledo Silva, Ferraz de Paiva, Ferraz Nogueira, Ferraz Sigolo, além de muitas outras famílias originadas dos casamentos dos numerosos netos de Angelina Ribeiro da Cunha e Cyro Dias Ferraz (que, casados em 1923 em São José do Rio Pardo, tiveram dez filhos).

Das filhas do casal-núcleo, Alferes Antonio Ribeiro da Silva e Luísa Leocádia Luísa de Carvalho (Ana, Lina, Carolina, Cândida, Marciana, Maria, Felicidade e Luísa) também outras famílias se formaram no sul de Minas e interior de São Paulo, como Branco, Álvares de Andrade Borges, Ferreira da Silva, Rodrigues, Nogueira, Bernardes de Oliveira, Queirós de Mendonça e Maciel (dos barões Maciel).



Angelina Ribeiro da Cunha, neta mais velha de Angelo e Maria Carolina Tardelli, especialmente ligada aos avós maternos, São José do Rio Pardo, anos 1920.

1 (XVII) –ANGELINA RIBEIRO DA CUNHA (*NEGRINHA*), casada com CYRO DIAS FERRAZ, filho de Antonio Dias Ferraz Júnior e Ana Nery de Souza Campos. com descendência - (v. capítulo referente à

Família Cunha Ferraz no texto “*A Família Ribeiro da Cunha*”, Revista ASBRAP nº 9³¹).

- 2 (XVII) – ALARICO RIBEIRO DA CUNHA, falecido criança, em 1909, com quase 3 anos de idade.
- 3 (XVII) – ALONSO RIBEIRO DA CUNHA, sem descendência.
- 4 (XVII) – MARIA APARECIDA RIBEIRO DA CUNHA (*MENINA*), sem descendência.
- 5 (XVII) – AGUINALDO RIBEIRO DA CUNHA, casado com GUIOMAR CRISTOFANI (meus pais), filha de Benedicto Cristofani e Marieta Fierro, com descendência.
- 6 (XVII) – ALICE RIBEIRO DA CUNHA, casada com JOÃO BAPTISTA DO VALLE, filho de Francisco Antunes do Valle e Maria Jacinta Luz, com descendência.



Alonso e Aguinaldo Ribeiro da Cunha, em São Paulo, 1924 (durante a revolução de Isidoro Dias Lopes), voltando para São José do Rio Pardo. O primeiro, estudante na Escola de Comércio Álvares Penteado, o segundo, interno no Colégio Arquidiocesano.

31 A genealogia da família Dias Ferraz, cuja origem no Brasil são as cidades de Itu, em São Paulo, e Cristina, no sul de Minas, está sendo estudada por vários de seus descendentes, em particular minhas primas Anna Cândida e Maria Cecília da Cunha Ferraz.



Alice Ribeiro da Cunha, São José do Rio Pardo, anos 1920.

§2º.

- XVI – ARMINDA DA SILVA TARDELLI, n. em São José do Rio Pardo em 1886; fal. em Campinas, aproximadamente aos 86 anos de idade, em janeiro de 1972. Em 1901, casou-se com NESTHOR RIBEIRO DA CUNHA, fal. aos 57 anos, em 1938, em São Sebastião da Gramma, estado de São Paulo. Filhos:
- 1 (XVII) – LOURDES RIBEIRO DA CUNHA, sem descendência.
 - 2 (XVII) – PEDRO RIBEIRO DA CUNHA, casado com DJANIRA PEREIRA, sem descendência.



Família de Arminda Tardelli, Campinas, anos 1940: sentados, a partir da esquerda, a nora Djanira Pereira, o filho Pedro Ribeiro da Cunha, com o cão no colo, e Arminda Tardelli. No chão, n.i. e Olívia, moça criada por tia Arminda, e que se tornaria religiosa mais tarde. O ramo de Arminda Tardelli e Nesthor Ribeiro da Cunha também consta do estudo *A Família Ribeiro da Cunha*, Revista ASBRAP n 9.

§3º

XVI- HENRIQUETA DA SILVA TARDELLI, n. em São José do Rio Pardo em dezembro de 1888, sendo bat. pelo vigário Joaquim Thomaz de Ancassuerd em 11-FEV-1889, quando contava 35 dias, na Matriz de São José, sendo padrinhos Manoel Francisco Ribeiro Júnior e Atília Couto; fal. em 1964, aos 76 anos de idade, em São José do Rio Pardo. Em 1901, casou-se com SALVADOR BAZILLI, italiano natural da Albânia, n. cerca 1873 e fal. cerca 1970, em São José do Rio Pardo, com mais ou menos 97 anos. O casal, meus tios-avós, morou primeiramente em Espírito Santo do Rio do Peixe e depois fixou-se em São José do Rio Pardo. Filhos (todos

falecidos, com as possíveis exceções de Margarida Bazilli e das noras Alba Di Pietro e Dirce Ribeiro):

- 1 (XVII) - CRISPIM BAZILLI, casado com HELENA FRANCHI, com descendência.
- 2 (XVII) - ROSA BAZILLI, casada com WALDOMIRO TORRES, com descendência.
- 3 (XVII) - MAURÍLIO BAZILLI, casada com ALBA DI PIETRO, com descendência.
- 4 (XVII) - ALICE BAZILLI, casada com GARNIER, com descendência.
- 5 (XVII) – ANGELO BAZILLI, morto ao nascer em 1913.
- 6 (XVII) - PEDRO BAZILLI, casado com DIRCE RIBEIRO, com descendência.
- 7 (XVII) - MARGARIDA BAZILLI, casada com JOSÉ TORRES, com descendência.

Tia Henriqueta Tardelli deixou numerosos descendentes de sua união com Salvador Bazilli, mas somente os ramos de Crispim e de Maurílio Bazilli vivem ainda em São José do Rio Pardo.

ALGUMAS FOTOS DOS RIBEIRO DA CUNHA / TARDELLI



Os irmãos Angelina Ribeiro da Cunha e Alonso Ribeiro da Cunha, em São José do Rio Pardo, 1922.



As irmãs Cunha Ferraz, filhas de Cyro Dias Ferraz e de Angelina Ribeiro da Cunha, bisnetas de Ângelo e Maria Carolina Tardelli: Ana Lúcia (Paiva), Anna Cândida, Maria Angelina (Toledo Silva), Joanna Helena, Cristina Lourdes (Sigolo), Maria Regina (Marques) e Maria Cecília, por ocasião do casamento de Joanna Helena, São Paulo, década de 1960.



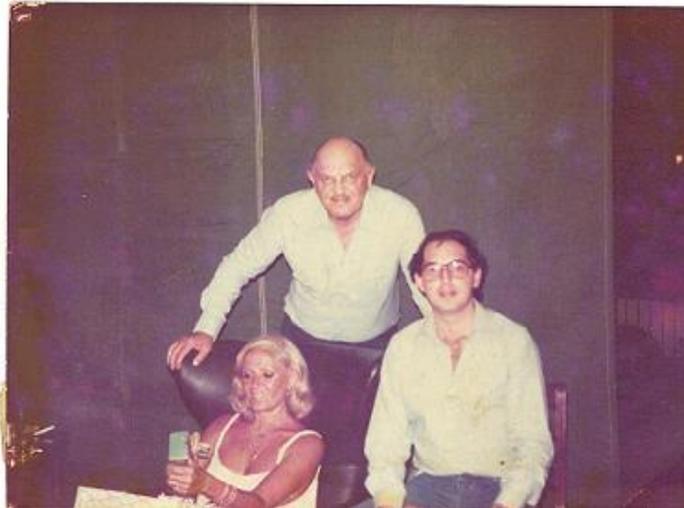
O casal Cyro Dias Ferraz e Angelina Ribeiro da Cunha, Ipaçu, SP, década de 1940.



As irmãs Alice Ribeiro da Cunha (Valle) e Maria Aparecida Ribeiro da Cunha (*Menina*), Caconde, 1970.



Maria Aparecida Ribeiro da Cunha (*tia Menina*), tendo ao fundo, o irmão Aguinaldo, São Paulo, janeiro de 1992.



Aguinaldo Ribeiro da Cunha, neto de Angelo Tardelli, a mulher Guiomar Cristofani, única nora de Joanna Tardelli, e Aguinaldo Ribeiro da Cunha Filho. São Paulo, Natal de 1978.



Aguinaldo Ribeiro da Cunha e Guiomar Cristofani, meus pais, no centro de São Paulo, final dos anos 40.



A antiga Espírito Santo do Rio do Peixe, depois Sapecado (pouso do Sapecado) e atual Divinolândia (SP), onde os Tardelli viveram nos anos 1890 e 1900.



O tradicional Cine-Theatro Colombo, de São José do Rio Pardo (SP), onde Ângelo e sua família viveram muitos anos, décadas 1880 e 1910.

8 – CONCLUSÃO

Este estudo registra a ascendência de JOANNA TARDELLI, minha avó paterna, seus antepassados na Itália (famílias Tardelli e Poli, das províncias de Lucca e Pisa, na Toscana), seus ascentrais em Portugal (basicamente nos Açores, mas também no Portugal continental) e no Brasil colonial e imperial (sul de Minas e interior de São Paulo). Estudo anterior, *como já mencionado na apresentação deste trabalho*, publicado na Revista ASBRAP nº 9, *A Família Ribeiro da Cunha*, registrou a ascendência do marido de Joanna, Arlindo Ribeiro da Cunha, meu avô paterno. Ambos os textos, este e o da Revista n 9, registram toda a ascendência paterna e materna de Aguinaldo Ribeiro da Cunha (meu pai) e de minhas tias Angelina Ribeiro da Cunha (Ferraz), Maria Aparecida Ribeiro da Cunha e Alice Ribeiro da Cunha (Valle).

Provavelmente, as pesquisas sobre as famílias aqui tratadas, Tardelli, Poli, Ferreira da Silva, Machado, Fagundes, Araújo, Soares Coelho, Moreira de Carvalho, Mendonça Coelho, dentre outras mencionadas no texto, terão continuidade, pois, em se tratando de genealogia, isso não só é possível como é o esperado e é o desejável. Novos dados, então, poderão ser acrescentados aos aqui registrados, enriquecendo ainda mais o conhecimento do passado dessas famílias.

Como conclusão, posso dizer que escrever genealogia é algo que pode ser muito bom, mas que nos trás sensações difíceis de definir. Falo por mim, evidentemente, pela experiência com textos genealógicos, todos publicados ou a publicar nas Revistas ASBRAP. E falo, claro, da experiência de escrever sobre a própria família, pois pesquisas sobre famílias estranhas, profissionalmente contratadas, não cabem nestas observações.

Num determinado momento da pesquisa, o genealogista se dedica por inteiro àqueles antepassados, envolvendo-se totalmente com eles. Nomes, datas, história (e estórias) de família, tudo fica íntimo do pesquisador, que se afeiçoa aos antepassados, sem saber muito bem porque. Afinal, são pessoas desconhecidas, sobre as quais se sabe, quando muito, o nome, data e lugar de nascimento, tão-somente. São antepassados, mesmo sangue, mas algo longínquo.

Acaba afeiçoando-se mais a uns que a outros: e também, sem saber exatamente a razão. Isso acontece, na minha opinião, quando se sabe algo mais sobre o antepassado objeto da pesquisa, como família, trajetória de vida etc. Enfim, quando se consegue “humanizar”, por assim dizer, esse antepassado. Questão de empatia, talvez, mas difícil de saber ao certo.

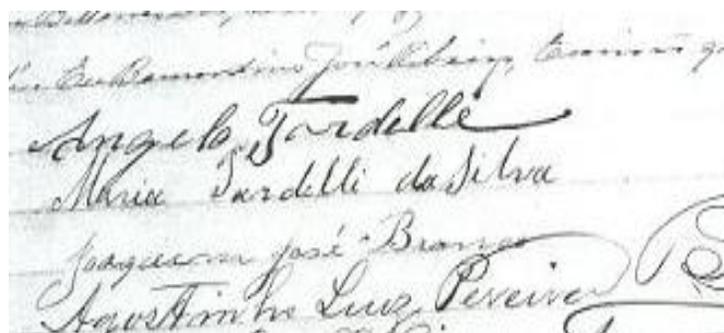
Por Angelo Tardelli, por exemplo, senti muita proximidade e identificação. Com os açorianos, cujos nomes aqui registrados não foram produto direto de pesquisas minhas, minha identificação foi menor, mas gostei

de saber deles, e a partir de agora, vou pretender conhecê-los um pouco mais de perto.

No meu texto anterior, publicado na Revista nº 9, dei um mergulho nas raízes dos Ribeiro da Cunha, em Portugal da Idade Média e da Renascença, no Brasil colonial e monárquico do sul de Minas e da região da Mogiana em São Paulo. O século XX também foi muito prazeroso para mim ao tratar dos Ribeiro da Cunha, por tratar de parentes muito afeiçoados, amigos, a quem conheci ou conheço.

Neste texto, o mergulho foi outro, bem diverso, primeiramente na Itália, depois, novamente em Portugal medieval e renascentista e, afinal, no Brasil colonial-monárquico. Com os italianos percebi algo muito interessante, diferente, uma espécie de ruptura nas respectivas vidas mais profunda que a ocorrida com os portugueses. Uma análise mais aprofundada dessa ruptura faço em outro texto, sobre minha família materna, totalmente italiana, *As Famílias Cristofani e Fierro, na Itália e no Brasil*, a ser publicado na próxima Revista ASBRAP nº 11.

Mas foi igualmente muito prazeroso e um ótimo aprendizado essa volta às origens dos Tardelli e dos Ferreira da Silva (e Fagundes, Machado de Araújo, etc), representados por minha avó Joanna, *Jana*, tão querida e respeitada por filhos e netos: mulher alta, forte, severa, aspecto imponente, de quem me lembro já idosa e infelizmente adoentada, mas com a pele ainda jovem, sem rugas, branca e rosada (apesar dos 80 anos), os cabelos também totalmente brancos e bem penteados, cuidada com devoção pelas filhas, e mantendo o mesmo aspecto antigo, digno e respeitável. A ela, presto minhas homenagens e saudades, sentindo não tê-la conhecido melhor e mais profundamente.

A photograph of a document with handwritten signatures. The most prominent signature is 'Angelo Tardelli' in a cursive script. Below it, another signature reads 'Maria Tardelli da Silva'. There are other fainter signatures and text visible on the document, including 'Joanna Jose Branca' and 'Apostolho Luis Pereira'.

Assinaturas de Angelo Tardelli e da mulher Maria Carolina Ferreira da Silva, que assinava simplesmente Maria Tardelli da Silva, em 1896, Espírito Santo do Rio do Peixe.



Maria Carolina Ferreira da Silva e Angelo Tardelli,
São José do Rio Pardo, 1898.